



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPPG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO – IE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSI

**ASPECTOS DA PRÁTICA E DA RELAÇÃO ENTRE A PSICOLOGIA
DO ESPORTE E ESPORTE PARA DESENVOLVIMENTO**

ANA RAMIRES DE ASSIS DA SILVA

Sob orientação do Professor

Wanderson Fernandes de Souza

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre** ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Seropédica, RJ

Janeiro de 2022

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586a Silva, Ana Ramires de Assis da, 1995-
Aspectos da prática e da relação entre a Psicologia
do Esporte e o Esporte para Desenvolvimento / Ana
Ramires de Assis da Silva. - Rio de Janeiro, 2022.
86 f.

Orientador: Wanderson Fernandes de Souza.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
Psicologia , 2022.

1. Psicologia do Esporte. 2. Esporte para
Desenvolvimento. 3. Psicologia Social do Esporte. I.
Souza, Wanderson Fernandes de , 1986-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia III. Título.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

31/03/2022 12:53

https://sipac.ufrj.br/sipac/protocolo/documento/documento_visualizacao.jsf?idDoc=975732

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DEPARTº DE PSICOLOGIA E ORIENTAÇÃO**



ATA DE DEFESA DE TESE Nº 85 / 2022 - DeptPO (12.28.01.00.00.00.23)

Nº do Protocolo: 23083.019949/2022-20

Seropédica-RJ, 30 de março de 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANA RAMIRES DE ASSIS DA SILVA

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre(a), no Programa de Pós Graduação em Psicologia, Área de Concentração em Psicologia-

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 31/01/2022

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e neste caso a folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da tese / dissertação.

Membros da banca:

Wanderson Fernandes de Sousa - Dr. UFRRJ (Orientador)
Valéria Nascimento Lebeis Pires (UFRRJ)
Adriana Amaral do Espírito Santo (UERJ)

(Assinado digitalmente em 31/03/2022 12:44)
VALERIA NASCIMENTO LEBEIS PIRES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptEFD (11.39.53)
Matricula: 2518421

(Assinado digitalmente em 30/03/2022 16:36)
WANDERSON FERNANDES DE SOUZA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptPO (12.28.01.00.00.00.23)
Matricula: 1868924

(Assinado digitalmente em 30/03/2022 16:44)
ADRIANA AMARAL DO ESPÍRITO SANTO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 090.520.507-32

Para verificar a autenticidade deste documento entre em
<https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **85**, ano:
2022, tipo: **ATA DE DEFESA DE TESE**, data de emissão: **30/03/2022** e o código de verificação:
4b19b0eb92

RESUMO

SILVA, A. R. A. Aspectos da prática e da relação entre a Psicologia do Esporte e o Esporte para Desenvolvimento. Resumo do Projeto de Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio De Janeiro.

A Psicologia do Esporte (PE) visa estudar e compreender os comportamentos e a relação entre as pessoas e as atividades desportivas e físicas. A partir daí, aplica-se o conhecimento científico para o melhor rendimento no desporto, a melhor qualidade de vida, e, também, o desenvolvimento individual e social. A PE reconhece que o esporte é comumente visto por sua capacidade de entretenimento, entretanto, ela tem buscado valorizar seu aspecto social, econômico e político. Por isso, a Psicologia Social do Esporte, que volta seu olhar para o aspecto social do desporto, vem ganhando força na área. Da mesma forma, o conceito de Esporte para Desenvolvimento pode ser entendido como a capacidade do esporte de veicular transformação e desenvolvimento nos diversos segmentos sociais, devido ao seu alcance. A relação entre a Psicologia do Esporte e o Esporte para Desenvolvimento ainda é pouco discutida academicamente; assim, a pesquisa qualitativa aqui proposta objetivou analisar a integração destes assuntos na prática. Para isso, foram feitas entrevistas com Psicólogos do Esporte que trabalhem em instituições sociais com foco desportivo e com os representantes dessas instituições. Foram selecionados através da REMS – Rede Esporte pela Mudança Social – inicialmente, 149 instituições, entretanto, apenas 9 participantes de fato realizaram as entrevistas, considerando a dificuldade de contato com as mesmas devido, também, à pandemia do COVID-19 e os critérios de inclusão e exclusão. A análise ocorreu através da Análise de conteúdo de Bardin, por meio da análise por categorias agrupadas de acordo com os temas encontrados nas perguntas realizadas. Obteve-se por resultado e analisou-se as categorias referentes a Prática da Psicologia do Esporte nas Instituições Esportivas com foco social, foram identificados Benefícios, Desafios e Dificuldades da área e descritas as principais características sociodemográficas das instituições participantes. Conclui-se que é de extrema importância a presença do Psicólogo do Esporte nas instituições sociais desportivas, pois ele promove reflexões críticas e necessárias, além de auxiliar a conexão entre esporte e o desenvolvimento humano almejado.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte; Psicologia Social do Esporte; Esporte para Desenvolvimento;

ABSTRACT

SILVA, A. R. A. Aspects of the practice and relationship between Sports Psychology and Sport for Development. Abstract of the Project for the Masters' Degree in Psychology, Department of Psychology, Institute of Education, Universidade Federal Rural do Rio De Janeiro.

Sport Psychology (SP) aims to study and comprehend behaviours and relationships between subjects and sports and physical activities. Thenceforth, the scientific knowledge is applied in order to improve professional sports' efficiency, quality of life and, also, individual and social development. SP recognizes that sports are often seen for its ability to entertain, however, it has also tried to value its social, economic and political aspects. Thereto, Social Psychology of Sports, that sees the social aspects of sports, has increased its presence in the area. Likewise, the concept of Sports for Development can be understood as sports' capacity to facilitate change and development on several social segments, considering its extension. The relationship between Sport Psychology and Sport for Development is not frequently spoken of academically; therefore, the present qualitative research was set to analyse the integration of these issues and how it is practiced. For this purpose, interviews with Sport Psychologists, who work on sports institutions with social focus, and with spokesperson of these institutions, were made. These were selected through REMS – Sport Network for Social Change; initially, 149 institutions were invited to participate, however, only 9 institutions actually accepted and did the interviews, considering the difficulty in reaching them due to the pandemic too; as well as the inclusion and exclusion criteria. The data analysis happened through the Bardin's Analysis of Content, in which a categorial analysis gathered in groups the themes discovered through the questions made. It was obtained and analysed as results the categories referring to the Sport Psychology Practice on Sport Institutions with social focus; it was identified the Benefits, Challenges and Difficulties of the area and described the main sociodemographic characteristics of the participants. It was concluded that the presence of Sport Psychologist in Sport Institutions with social focus is extremely relevant, for they promote critical and necessary reflections, in addition to facilitate the connection between sports practice to the human development aimed.

Key-words: Sport Psychology; Social Psychology of Sports; Sport for Development;

QUADROS E APÊNDICES

Quadro 1. Profissão e Localização dos Entrevistados	36
Quadro 2. Instituições e os Anos de fundação.....	38
Quadro 3. Importância da Psicologia do Esporte	40
Quadro 4. Benefícios, Desafios e Dificuldades Mais Frequentes - Gestores.....	50
Quadro 5. Benefícios, Desafios e Dificuldades Mais Frequentes – Psicólogos(as).....	51
Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	77
Apêndice 2 – Carta de Anuência	79
Apêndice 3 – Roteiro de Entrevista para Psicólogos do Esporte nas Instituições.....	80
Apêndice 4 – Roteiro de Entrevista para os Representantes das Instituições	81
Apêndice 5 – Temas presentes nas perguntas para Psicólogos(as)	82
Apêndice 6 – Temas presentes nas perguntas para Gestores(as).....	85

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. OBJETIVOS.....	17
2.1 Objetivo Geral.....	17
2.2 Objetivos Específicos	17
3. REFERENCIAL TEÓRICO	17
3.1 Psicologia do Esporte.....	17
3.2 Psicologia do Esporte no Brasil	20
3.3 Psicologia Social do Esporte.....	22
3.4 Esporte para Desenvolvimento	25
3.5 Políticas Públicas no Esporte	28
4. MÉTODOS.....	30
4.1 Participantes.....	30
4.2 Instrumento	31
4.3 Procedimento	32
4.4 Plano de Análise de Dados	33
4.5 Preceitos Éticos.....	35
5. RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS	35
5.1 Características Sociodemográficas	36
5.2 Importância e Prática da Psicologia do Esporte nas Instituições Sociais Desportivas 40	
5.3 Benefícios, Desafios e Dificuldades da Relação entre Psicologia do Esporte e Esporte para Desenvolvimento	50
5.4 Trabalho em Rede	61
5.5 A Prática entre Psicologia do Esporte e Esporte para Desenvolvimento.....	64
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70

APRESENTAÇÃO

Há alguns anos, durante a adolescência, li um livro chamado *Invictus: Nelson Mandela e o jogo que uniu a África do Sul*, do jornalista John Carlin. Esse livro conta a história de como o falecido ex-presidente sul-africano, Nelson Mandela, em seus primeiros anos de mandato pós-Apartheid, conciliou um esporte visto como exclusivo de brancos, o Rugby, com a intenção de quebrar o preconceito racial enraizado no país. Foi na Copa Mundial de Rugby de 1995 que ele, o time de Rugby e várias outras estratégias políticas, conseguiram mobilizar negros e brancos para juntos torcerem pelo Springboks – que eventualmente venceu a Copa daquele ano. Quero deixar como dica, inclusive, o filme de mesmo nome, *Invictus*, com o ator Morgan Freeman e Matt Damon – que retrata esse livro.

Desde então, ficou impresso em mim que o esporte poderia causar mudanças que muitos outros fenômenos sociais não conseguem. Pois bem, entrei na faculdade e já no primeiro período fizemos um trabalho sobre psicologia do esporte e, se não me engano, falava do Tiger Woods – jogador profissional de golf. No segundo período, fizemos um trabalho de observação com o time de basquete da nossa universidade. Até aí, eu só achava o tema legal, sem saber onde me levaria e o quanto eu realmente acreditava nele. No meio da faculdade, comecei a Iniciação Científica Voluntária com meu orientador – que me apoia há anos na área; thank you, W. Nessa ICV, foi um ano, confesso, meio relapso, e apenas de revisão da literatura sobre a área da Psicologia do Esporte. Escolhi esse tema por outros trabalhos que fizemos, e de acompanhar veteranos que também estudavam isso. Depois da ICV, comecei a IC e, então, busquei realizar a tradução de um instrumento que não havia em português. Os resultados não foram muito positivos para o instrumento em si, mas o processo valeu a pena e me levou para produzir o Trabalho de Conclusão de Curso, também na área de esporte.

Esse foi um conjunto de avaliações psicológicas com os atletas universitários, que executei com auxílio de um grupo enorme e disposto, e foquei minha análise na autoconfiança desses atletas participantes. A partir disso, pensei em realizar o mestrado, com apoio dos meus professores, para gerar alguma intervenção para com esses atletas. Entretanto, realizei um intercâmbio em 2020 e, logo após o meu retorno, a pandemia do COVID-19 se alastrou. Nesse tempo, passei a ressignificar muito do que queria e seria possível fazer no meu mestrado e meu orientador, pacientemente, aguardou que eu me reorganizasse. Foi quando, então, lembrei-me da história do *Invictus* e do quanto acredito que o esporte é marcante, significativo e pode ser transformador. Daí veio a ideia dessa pesquisa – não só disso, mas de participações em eventos

da área, das vezes que emocionei e envolvi com jogos e competições que assisti ao longo dos anos, das experiências próximas a mim, ou não, de atletas e do quanto o esporte os marcou no tempo em que o viveram.

Por isso, chego nessa dissertação com a certeza de que não sei como será o futuro, mas confio nAquele que me trouxe até aqui e colocou a psicologia e o esporte no meu caminho. Durante essa pesquisa, percebi que, apesar de inúmeras dificuldades, incertezas e inconstâncias do sistema, tudo o que se faz através da Psicologia e do Esporte é para alcançar pessoas, ajudá-las, apoiá-las, dar espaço para que falem e lutem pelo que acreditam e possam ressignificar suas vidas, descobrir novos caminhos e, quem sabe, gerar transformação social – como Mandela fez. Talvez isso seja muito otimista, o que eu sou um pouco, mas realmente acredito no potencial da área. Também sei que há muito que se pesquisar, entender, refletir sobre e criticar; e que isso tudo envolve muito mais do que apenas uma pesquisadora e seu grupo próximo. Mas, estou aqui, tentando o que eu posso ao lidar com minhas próprias limitações, incertezas e dificuldades. E acreditando, no meio de tudo isso, que o esporte e a psicologia, juntos ou separados, podem muito mais do que eu pensava.

“Para que todos vejam e saibam, considerem e juntamente entendam que a mão do Senhor fez isso, e que o Santo de Israel o criou”. Isaías 41:20

1. INTRODUÇÃO

A Psicologia do Esporte (PE) faz parte da história da psicologia desde antes da oficialização desta como profissão no Brasil. A atuação de João Carvalhaes marcou, em especial, o início dessa trajetória, contudo, a própria relação entre Psicologia e Educação Física já era significativa antes dele. Carvalho (2016) traz em sua pesquisa que há registros em periódicos de uma atuação embrionária da psicologia, direcionada para o exercício, na primeira escola de Educação Física do Brasil, dirigida pelo Exército brasileiro, em 1932. Mesmo não sendo da forma como a conhecemos hoje, tais começos desaguaram na atuação de Carvalhaes.

O psicólogo foi convocado em 1958 para acompanhar e avaliar os atletas da Seleção Brasileira de Futebol durante todo o processo da Copa do Mundo de 58, na Suécia (CARVALHO; JACÓ-VILELA, 2009). Sua participação como psicólogo brasileiro neste evento mundial, que incluiu a vitória do Brasil na Copa, gerou uma repercussão significativa para a própria profissão. Ele também atuou na regulamentação da Psicologia, que ocorreu em 1962, na área profissional e acadêmica (RUBIO, 2007b).

Ao abrir precedente para a Psicologia no campo do esporte aqui no Brasil, João Carvalhaes estabeleceu um trabalho voltado para o alto rendimento e executado, majoritariamente, através da avaliação psicológica e do uso de testes psicológicos, que passaram a ser criados e sistematizados em grande quantidade na época (RUBIO, 2007b). O esporte, por sua vez, tem escrito sua história ao longo dos milênios e com diversos focos. O que recebe maior destaque é o esporte profissionalizado que, ao ser favorecido pela mídia, contribuiu para a associação entre a Psicologia e o próprio alto rendimento esportivo (RUBIO, 2007a). Devido, justamente, à sua demanda de avaliar e manejar o grupo, a personalidade dos atletas, seus processos psíquicos e estados emocionais em treinos e competições, assim como na atuação de João Carvalhaes na Copa (RUBIO, 2007b). Logo, a atuação do psicólogo do esporte no Brasil e no mundo, tem se voltado, principalmente, para o alto rendimento.

Entretanto, o esporte também é compreendido como uma instituição e fenômeno social de alcance abrangente, tanto macro quanto micro, com capacidades de desenvolver e potencializar percepções pessoais e, com o auxílio de intervenções direcionadas para tal, pode trazer benefícios àqueles que o praticam, para além do alto rendimento (RUBIO, 2000, p.17; 2007 apud PINHO, 2016). Entende-se que, culturalmente, o esporte faz parte de todas as sociedades nas mais diversas formas: através de práticas profissionais – como alto rendimento

–, educacionais, universitárias; como o exercício voltado para o lazer, reabilitação, para o sustento da saúde e da estética e como veículo de desenvolvimento e/ou transformação (TUBINO, 2010).

A Psicologia do Esporte pode ser definida, então, segundo Weinberg e Gould (2017, p.4) como “*o estudo científico de pessoas e seus comportamentos em atividades esportivas e atividades físicas e na aplicação prática desse conhecimento*”. Ainda, os autores entendem que a PE tem por objetivos compreender como os fatores psicológicos afetam o desempenho físico de um indivíduo e, por outro lado, como a prática desportiva e de exercícios impacta o desenvolvimento psicológico, a saúde e o bem-estar de uma pessoa (WEINBERG; GOULD, 2017). De modo que, segundo Pinho (2016), ela não se atém, exclusivamente, a prática profissional.

Devido às diversas ramificações da funcionalidade e execução do esporte, entende-se que este também é uma reprodução de como a sociedade está ou tem se portado. Ou seja, o esporte expõe e transforma aspectos sociais; tendo por exemplo histórias de união entre países, superações individuais e esperança, assim como as desigualdades sociais, os baixos investimentos na população e o elitismo, as injustiças e o baixo índice de desenvolvimento humano (SILVA, 2007). Ao ser compreendido como fenômeno social e ser marcado pela sociedade, o esporte também é utilizado como ferramenta no processo de educação da cidadania, trazendo uma nova perspectiva a este âmbito e gerando uma transformação na sociedade (SILVA, 2007). Assim, considerado um direito humano essencial, segundo a Organização das Nações Unidas, ONU (2003), o esporte é também visto como importante ferramenta para abordar diversas questões do desenvolvimento. É o chamado Esporte para Desenvolvimento.

O Esporte para Desenvolvimento está incluído, de maneira abrangente, no escopo do desenvolvimento sustentável, que considera a melhora na qualidade de vida, o manejo da exclusão social, a ampliação de oportunidades para todos, maior eficiência e eficácia em serviços básicos, aprendizados duradouros, envolvimento local, entre outros (GIRGINOV, 2008). Ele abraça objetivos sociais, políticos e econômicos, de acordo com Girginov (2008). Nelson Mandela, o ex-presidente Sul-Africano, por exemplo, apropriou-se de um esporte, o Rugby, praticado, neste caso, dentro do alto rendimento, como via de revolução a favor da democracia racial e social na África do Sul pós-Apartheid. Para ele, “o esporte tem o poder de mudar o mundo. Tem o poder de inspirar, o poder de unir pessoas que têm pouco em comum” (CARLIN, 2009, p.12).

A Psicologia do Esporte, portanto, precisa dar conta desse fenômeno como um todo e das diversas possibilidades que o acompanham (SILVA, 2007). A parte social da mesma, tem buscado ampliar a visão e a prática focada apenas para o alto-rendimento, aprofundando-se no conhecimento do contexto sócio-político que o esporte se encontra. Para Silva (2007, p.3), o modelo emergente para a atuação do psicólogo do esporte é *“onde houver ser humano desenvolvendo-se no e pelo esporte sua presença será de fundamental importância”*.

Muito ainda necessita ser pesquisado e compreendido desta relação entre a Psicologia do Esporte, seu caráter e dimensão social e o Esporte para Desenvolvimento. No Brasil, estes desdobramentos têm se estabelecido individualmente, como, por exemplo, a aplicação do esporte em projetos sociais. Contudo, há de se valorizar e entender a relevância que a Psicologia, como um todo e, em específico, do Esporte, tem nesta relação. Assim, o presente projeto busca compreender, relacionar e investigar como se dá, na prática, a relação entre a Psicologia do Esporte e o Esporte para o Desenvolvimento.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar como ocorre a relação entre a Psicologia do Esporte e o Esporte para Desenvolvimento Humano no âmbito prático da profissão, sob ótica social.

2.2 Objetivos Específicos

Realizar um mapeamento sociodemográfico da atuação de psicólogos do esporte em instituições sociais, que utilizam o esporte como veículo de desenvolvimento;

Identificar os benefícios, desafios e dificuldades desta relação, por meio dos relatos dos psicólogos desportivos e responsáveis pelas instituições que vivenciam o Esporte para Desenvolvimento na prática.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Psicologia do Esporte

Rubio (2002) diferencia a Psicologia do Esporte e a Psicologia no Esporte. Ambas contaram com a contribuição e influência da Psicologia Clínica, Psicologia Social e outras

correntes teóricas e práticas, transpondo-as para o contexto esportivo. Entretanto, a Psicologia do Esporte tem se desenvolvido ao longo de sua história, tornando-se sua própria área. Assim, focaremos na Psicologia do Esporte, que Segundo Rubio (2002, p.3), “a Psicologia do Esporte tem como meio e fim o estudo do ser humano envolvido com a prática da atividade física e esportiva competitiva e não competitiva.” Ainda, a autora acrescenta que:

“Esses estudos podem abarcar os processos de avaliação, as práticas de intervenção ou a análise do comportamento social que se apresenta na situação esportiva a partir da perspectiva de quem pratica ou assiste ao espetáculo (J. Azevedo Marques & S. Junishi, 2000; S. Figueiredo, 2000; M. Markunas, 2000; S. Martini, 2000 apud RUBIO, 2002, p.3).

De acordo com Vanek e Cratty (1970) mencionados por De Rose Jr (1992), os primeiros estudos sobre a Psicologia do Esporte remontam ao final do século XIX e início do XX. Em 1895, G. W. Fitz realizou o primeiro trabalho sobre tempo de reação e, a partir daí, romperam estudos sobre aspectos sociais, práticas mentais e transferência de força e de treinamento feito por Norman Triplett e outros pesquisadores (GILL, 1986; VANEK; CRATTY, 1970; WIGGINS, 1984 apud DE ROSE JR, 1992). Norman Triplett foi pioneiro nas investigações e pesquisas na área, através de seus estudos sobre o comportamento de ciclistas, durante as disputas, sob a influência de outros competidores e do público em 1897 (WEINBERG; GOULD, 2017).

Outro psicólogo e fisiologista que marcou os estudos na área foi Edward Scripture; entre os anos 1893 e 1900, ele realizou análises sobre a transferência de traços de personalidade evidenciados no esporte para o cotidiano, além de pesquisas a respeito de momentos de reação, movimento dos músculos de esgrimistas e corredores e transferência de treinamento físico. (WEINBERG; GOULD, 2001; WIGGINS, 1984 apud DE ROSE JR, 2002). Nos primeiros anos do século XX, Robert Cummins estudou reações motoras, a atenção com suas capacidades e sua relação com o esporte. Ainda, em 1918, Coleman Griffith como estudante, guiou pesquisas informais com jogadores de futebol americano e basquetebol na *University of Illinois* (WEINBERG; GOULD, 2017).

Considerado o pai da Psicologia do Esporte americana (De ROSE JR., 1992), Coleman Griffith iniciou o que Weinberg e Gould (2017) chamam de segundo período na história da Psicologia do Esporte, entre as décadas de 20 e 30. Griffith trabalhou de maneira associada com o departamento de bem-estar físico em Illinois, publicou livros na área, produziu estudos sobre perfis psicológicos e outros temas com o time de beisebol *Chicago Cubs*, entre outros projetos. Esse “Período 2” na história da PE, deu-se entre os anos de 1921 a 1938 e, nele, houve a criação

de alguns laboratórios pioneiros da Psicologia do Esporte (WEINBERG; GOULD, 2017). Como, por exemplo, o fundado por P.A. Rudik, em Moscou, no Instituto Estatal de Cultura Física, no ano de 1920 e, também neste ano, Robert Schulte dirigiu um laboratório de PE na *German High School for Physical Education* (Escola de Ensino Médio Alemã para Educação Física). Em 1925, Griffith, na *University of Illinois*, estabeleceu seu laboratório de pesquisas relacionados ao esporte e, três anos depois, o laboratório de Leipzig na antiga Alemanha Oriental também passou a realizar pesquisas pioneiras com a PE (WEINBERG; GOULD, 2017; DE ROSE JR, 1992).

A partir do decênio de 40, a psicologia do esporte despontou como campo científico graças a Franklin Henry. Pertencente ao departamento de Educação Física da *University of Berkeley*, nos Estados Unidos, Henry estudou aspectos psicológicos da aquisição de habilidades esportivas e motoras, foi professor e influenciou muito da ciência do esporte e do exercício atual (WEINBERG; GOULD, 2017). Para os autores, os pesquisadores Warren Johnson e Arthur Slatter-Hammel tiveram igual importância no estabelecimento de uma fundação sólida para o futuro da psicologia do esporte; eles auxiliaram a criação de disciplinas acadêmicas da ciência do esporte, embora a presença da psicologia ainda fosse bem limitada.

Também importante para esse período foi a psicóloga Dorothy Hazeltine Yates. Sendo uma das primeiras mulheres a trabalhar e pesquisar a psicologia do esporte, Yates prestou consulta a boxeadores universitários, através da técnica chamada método do conjunto de relaxamento, instruindo-os a usar o relaxamento e afirmações positivas para controle das emoções e melhora no desempenho (KORNSPAN; MacCRACKEN, 2001). E John Lawther, por volta de 1950, desenvolveu o laboratório de aprendizagem motora na *Penn State University*, Estados Unidos.

Em 1965 ocorreu o primeiro Congresso Mundial de Psicologia do Esporte, em Roma. A partir dele surgiu a *International Society of Sport Psychology*, a ISSP (De ROSE JR, 1992), que visa, até hoje, promover congressos, debates e troca de informação sobre a psicologia do esporte. Sua revista, a *International Journal of Sport Psychology*, criada em 1970, também repercute mundialmente nos dias atuais. Da mesma forma que essa sociedade foi fundada, outras surgiram ao longo do período, como a *North American Society of Sport Psychology and Physical Activity*, a NASPSA, dos Estados Unidos. Esta teve seu primeiro congresso anual em 1967; seu periódico, o *Sport and Exercise Psychology* foi lançado em 1979; e uma de suas

lideranças foi a primeira mulher membro da ISSP – e primeira presidente mulher da NASPSPA – Dorothy Harris (WEINBERG; GOULD, 2017).

Dorothy Harris não só alcançou diversos feitos nos aspectos políticos da área, como também, academicamente, lutou pela causa das mulheres na psicologia do esporte e auxiliou no estabelecimento do programa de graduação em psicologia do esporte na *Penn State University*. Por volta da mesma época, surgiram métodos alternativos de pesquisa qualitativa e interpretativa na área, que, como um todo, tornou-se bem mais aceita e rica em termos de publicações, conferências especializadas, livros no mercado e multidisciplinaridade. Com isso, muitas perguntas também vieram à tona, tal como qual deveria ser o padrão de qualificação dos profissionais do desporto, as determinações éticas, possibilidades de empregos integrais para os ingressantes no campo, entre outras (WEINBERG; GOULD, 2017).

A década de 80 trouxe a concepção cognitivista como uma abordagem, também utilizada no meio desportivo, substituindo a perspectiva comportamental que os psicólogos utilizavam (PINHO, 2016). O ano de 1987, especificamente, trouxe o nascimento da *Division 47* da *American Psychology Association*, APA, que reconheceu, legalmente, a Psicologia do Esporte nos Estados Unidos. Alguns anos mais tarde, em 2000, foi criada a *Psychology of Sport and Exercise* na Europa; e, há de se destacar a Conferência da ISSP, realizada na China, que contou com a presença de mais de 700 pessoas de 70 países diferentes (WEINBERG; GOULD, 2017).

3.2 Psicologia do Esporte no Brasil

Apesar dos mais de cem anos de idade no mundo, no Brasil, a Psicologia do Esporte só obteve certo reconhecimento em meados do século XX. Como descrito na introdução, Carvalho (2016) realizou pesquisas nos primeiros periódicos de Educação Física do Brasil que, segundo a autora, mostravam uma “psicologia diluída em temas diversos de seus artigos” (CARVALHO, 2016, p. 72). Ela traz que, considerando o contexto de movimentos de formação ideológica e política na época (anos 30), a Educação Física foi considerada importante para esse processo e, a Psicologia, podia ser vista como um saber complementar. (CARVALHO, 2016). Na perspectiva dos esportes, o Brasil já participava dos Jogos Olímpicos através das Forças Armadas.

Levando em conta o cenário político da época, Carvalho (2016) ao citar Lenharo (1986) afirma que nos anos 30 se dá início ao processo de militarização do corpo e que, neste

sentido, o Exército tornou-se um espaço atraente para o esporte em si desenvolver-se, também, de acordo com essas demandas de controle e disciplina do corpo. A autora confirma, então, que a fundação da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), estabelecida em 1932, fez parte dessa proposta de nova organização do exército nas primeiras décadas do século XX (CARVALHO, 2016).

A pesquisadora, então, analisou periódicos que relacionavam atividade física e psicologia, concluindo que já nas décadas de 30-40, a psicologia “preenchia lacunas sobre os estudos relativos ao corpo e alma” (CARVALHO, 2016, p.82). Ela estabeleceu que houveram duas fases relativas a presença da psicologia nos períodos de Educação Física, o que, conseqüentemente, revela a relação entre elas. Na primeira, caracterizada como Psicologia Complementar, datada entre 30-40, os artigos e assuntos mais tratados eram sobre conceitos psicológicos, fenômenos do desenvolvimento humano, do caráter e da personalidade; sobre os processos de aprendizagem, inteligência, motivação e cognição. Na segunda fase, denominada Prática Psicológica pela autora, situada entre 50-60, o discurso abrangendo aspectos psicológicos se ampliou, dirigindo-se para sua aplicação na atividade física e no esporte (CARVALHO, 2016).

Esse contexto teórico e político fez parte do caminho que precedeu a atuação de João Carvalhaes, juntamente a Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo da Suécia em 1958 (PINHO, 2016). Quanto ao contexto pessoal, João Carvalhaes foi sociólogo, mas também atuou em diversas profissões como jornalismo e na educação (CARVALHO; JACÓ-VILELA, 2009; CARVALHO, 2019). Sua prática na psicologia foi corroborada ao passo que o profissional abraçou e investiu em Recursos Humanos, trabalhou com testes, seleção de pessoal em campos variados como empresas, no próprio esporte recrutando e avaliando candidatos a árbitros e técnicos na Federação Paulista de Futebol, entre outros. Em 1958, foi convocado para avaliar os atletas da Seleção pela própria Confederação Brasileira de Futebol, e, após todo o processo acompanhou a equipe na Suécia. Como se sabe, a Seleção venceu a Copa de 58 e sua participação como psicólogo gerou uma repercussão imprescindível para o campo. A psicologia como profissão, em geral, somente se tornou regulamentada em 1962, quatro anos após a conquista de Carvalhaes. Por isso, seu papel e influência ultrapassaram o esporte e evidenciaram a própria psicologia (CARVALHO; JACÓ-VILELA, 2009).

Em 1979, a Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte (SOBRAPE) – posteriormente alterada para Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte, Atividade Física, Recreação e Lazer (PINHO, 2016) – foi fundada. Logo depois, realizou-se o Primeiro

Congresso Brasileiro de Psicologia do Esporte, que impulsionou e deu força para o desenvolvimento do campo no país, e entre os anos 1980 e 2000 foram realizados mais de 30 congressos sobre o tema. Sociedades estaduais e nacionais também nasceram decorrentes desse congresso, acrescentando à teoria e à prática da Psicologia do Esporte na nação de maneira fundamental. Algumas destas foram a Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte, Atividade Física, Recreação e Lazer (SOBRAPE), que tem por foco realizar eventos científicos e acadêmicos, publicar livros em parcerias com as diversas áreas das Ciências do Esporte. E a Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP), que se volta para a atuação dos psicólogos do esporte, sendo responsável pelo primeiro periódico da PE, a Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, fundada em 2007. (CARVALHO, 2016). Outros nomes como Katia Rubio, João Alberto Barreto e Olavo Feijó também marcaram, e ainda marcam, a psicologia desportiva brasileira. Atualmente, é um caminho que ainda se tem muito a percorrer, mas conquista cada vez mais seu espaço (PINHO, 2016).

Tais pesquisadores e psicólogos que marcaram a Psicologia do Esporte foram e são, majoritariamente, voltados para o alto rendimento – as competições e a performance em si. Entretanto, a PE, nos últimos anos tem tomado seu próprio rumo – não dependendo totalmente da contribuição de outros campos da Psicologia para ser pensada e praticada – e se aventurado por várias vertentes, distintas entre si, a partir do referencial teórico que as sustentam (RUBIO, 2002). Uma destas direções se baseia e busca uma perspectiva mais social, a chamada Psicologia Social do Esporte.

3.3 Psicologia Social do Esporte

No âmbito da Psicologia Social do Esporte, entende-se que a PE também é composta pelo estudo do fenômeno esportivo, a partir da Psicologia Social (RUBIO, 2001 apud RUBIO, 2002). Esta pode ser compreendida como o “estudo da experiência e da conduta dos indivíduos em relação aos estímulos do contexto social” (SHERIF; SHERIF, 1969 apud GARRIDO TORRES; BOHÓRQUEZ GÓMEZ-MILLÁN, 2011, p.13; BRAWLEY; MARTIN, 1995). Por sua vez, Garrido Torres e Bohórquez Gómez-Millán (2011, p.13) citam Rejeski e Brawley (1989), ao definirem a Psicologia do Esporte como o “conjunto de contribuições educativas, científicas e profissionais para a promoção, manutenção e melhora da conduta esportiva”.

Ainda, os autores afirmam que todo esporte é social por natureza (GARRIDO TORRES; BOHÓRQUEZ GÓMEZ-MILLÁN, 2011). Rubio (2002) afirma, também, que o esporte é um conjunto complexo de elementos, envolvendo o atleta, o espectador/a torcida, e os patrocinadores. Por tais composições, através de Rubio (2002), pode-se afirmar que:

Toda manifestação esportiva é socialmente estruturada, na medida em que o esporte revela, em sua organização, no processo de ensino-aprendizagem e na sua prática, os valores subjacentes da sociedade na qual ela se manifesta (RUBIO, 2002, P. 5-6).

Assim, entende-se que aspectos trabalhados na Psicologia do Esporte como a identidade do atleta, as formas de manejo e controle da ansiedade, questões de liderança e grupo, advém de um contexto social maior: a sociedade onde o esporte e seus dobramentos estão inseridos (RUBIO, 2007). O ato de olhar para o macro e compreender a necessidade de se aproximar do contexto social que circunda e atravessa o esporte, de acordo com Lane (1984) mencionado por Rubio (2007), reafirma que toda Psicologia é social, sem necessariamente se limitar à área da própria Psicologia Social.

Para Piletti, Rossato e Rossato (2014), é necessária a compreensão de que o homem e a sociedade são faces de uma mesma realidade, de modo que, para entender seu desenvolvimento não se pode desassociá-lo do social. Conclusão que só reforça a presença do olhar direcionado ao social que autores da Psicologia do Esporte têm adotado.

Por isso, a autora afirma que a Psicologia do Esporte que trata do fenômeno esportivo em sua totalidade, ao buscar compreender as relações que permeiam o esporte, como por exemplo, entre atletas, técnicos, dirigentes, torcida, e outros, é mais do que uma psicologia voltada para o rendimento, mas sim, uma Psicologia Social do Esporte (RUBIO, 2007). Esta vertente, segundo Escartín (2000; GARRIDO TORRES; BOHÓRQUEZ GOMÉZ-MILLÁN, 2011), tem como objeto de estudo os fatores psicossociais que influenciam a prática de atividade física e/ou desportiva e os efeitos que a prática das mesmas tem sobre o funcionamento psicossocial dos sujeitos.

Historicamente, vale destacar que Norman Triplett e sua pesquisa sobre a influência do social na performance dos ciclistas foi pioneira para a possibilidade desta interface, pois é significativa tanto para a história da Psicologia do Esporte, com base em De Rose Jr. (1992) e Weinberg e Gould (2017), como para a própria Psicologia Social, na visão de Garrido Torres e Bohórquez Gómez-Millán (2011).

Albert Carron publicou, em 1980, o livro *Social Psychology of Sports* (Psicologia Social do Esporte), considerado pelos autores Garrido Torres e Bohórquez Gómez-Millán

(2011) como o primeiro livro sobre o assunto. Houve um aumento da produção científica sobre o assunto nas últimas décadas. E mais, em 2011, na Espanha, aconteceu o XIII Congresso Andaluz de Psicologia da Atividade Física e do Desporto, com o tema “Desporto e Interação”, abrindo espaço para a Psicologia Social do Esporte (GARRIDO TORRES; BOHÓRQUEZ GÓMEZ-MILLÁN, 2011).

Escartín (2000) afirma que o esporte pode contribuir com a psicologia, em destaque a social, por ser um cenário sugestivo onde se produzem diversos elementos que a psicologia e a psicologia social têm por objeto de estudo, como: processos psicológicos básicos, processos grupais, preconceito sexismo, entre outros. Como corroborado pela literatura, o esporte reflete a sociedade em que se encontra. Por sua vez, acredita-se (ESCARTÍN, 2000) que o psicólogo social do esporte acrescenta ao desporto conforme ensina habilidades sociais aos treinadores, analisa os aspectos educativos da iniciação esportiva; propõe e promove programas de exercício que visam melhorar a saúde da população. Podem, também, trabalhar a violência no esporte; buscar intervenções que beneficiem ao alto rendimento e as experiências e, promover planos de intervenção que favoreçam a saúde e qualidade de vida de crianças, adolescentes, jovens e idosos (ESCARTÍN, 2000).

O profissional, então, de acordo com Escartín (2000), age como gerador e investigador de conhecimento, facilitador de grupos e atua em programas desportivos de intervenção social, onde se utiliza o esporte como ferramenta de promoção de saúde e prevenção social. Neste último sentido, entende-se que o esporte é um fenômeno social da modernidade e possui uma forma única e elementar de socialização que, de acordo com Silva (2007, p.8), “compõe o imaginário social, sendo identificado por elementos, como força, vitória e supremacia quanto valores próprios”, refletindo o modelo social atual.

O esporte tem potencial de ser um meio de desenvolvimento integral, social e educativo, contudo, precisa ir além de seu foco no alto-rendimento ou na manutenção das normas (HARTMANN; KWAWUK, 2011; SILVA, 2007). J. Azavedo e S. Junishi (2000) trazem que é através “da Psicologia Social que a Psicologia do Esporte tem atuado junto aos chamados projetos sociais” e acrescenta: “o objetivo primeiro destas instituições é promover o desenvolvimento da prática de cidadania ou oferecer alternativas de socialização, principalmente para crianças e jovens, tendo o esporte como facilitador” (RUBIO, 2002, p. 6). Assim, é necessário considerar o histórico e a definição do esporte para desenvolvimento, quando este é abordado como um meio e não um fim.

A partir daí, surgem desdobramentos que utilizam ou veem o esporte como “salvação” para desigualdades sociais ou são veículos para projetos sociais desportivos que visam a inclusão social e outros objetivos socioeconômicos (RODRIGUES, 2008; SILVA, 2007). No entanto, o esporte em si, nas palavras de Parlebas (1980) citado por Silva (2007, p.8), “não possui nenhuma virtude mágica. Ele não é em si nem socializante, nem anti-socializante. Ele é aquilo que se fizer dele”.

3.4 Esporte para Desenvolvimento

Para se pensar o Esporte para Desenvolvimento (ED) é importante considerar o que é o “desenvolvimento”. De acordo Hartmann e Kwauk (2011), há uma multiplicidade e ambiguidade de entorno dos conceitos, pois o “desenvolvimento” é um termo:

(...) comumente apelativo, mas profundamente complicado e de múltiplas vozes que ressoam em círculos acadêmicos e audiências populares. O problema é que ele significa muitas coisas, para muitas pessoas. (HARTMANN; KWAWUK, 2011, p.3, tradução livre).

Por isso, quem o realiza e aplica o Esporte para Desenvolvimento na sociedade precisa ter definido o que entende por desenvolvimento e quais são os seus objetivos em relação ao mesmo. Piletti, Rossato e Rossato (2014) postulam que o desenvolvimento é também o resultado das interações entre o sujeito biopsicologicamente ativo e todo o sistema ecológico humano, que se torna cada vez mais complexo (BROFENBRENNER, 1996 apud PILETTI; ROSSATO; ROSSATO, 2014).

Segundo Girginov (2008), muito da visão atual do Esporte para Desenvolvimento foi elaborada para compensar os malefícios do capitalismo – que atravessa desde o macro até o micro sistema – através da reconstrução da ordem social confrontando discrepâncias sociais, pobreza e desigualdade de gênero e idade. Ainda, o conceito tem sido moldado pelo crescimento internacional do esporte desde o século XIX (GIRGINOV, 2008). Hoje, ela é impactada e direcionada através, principalmente, de órgãos internacionais desportivos e não-desportivos como o Comitê Olímpico Internacional (COI), a Federação Internacional de Futebol (FIFA) e até mesmo a Organização das Nações Unidas (ONU) (BURNETT, 2009; GIRGINOV, 2008; RODRIGUES, 2008).

Por fim, Hartmann e Kwauk (2011) postulam duas visões sobre o Esporte para Desenvolvimento. A primeira é a Abordagem Dominante, ou seja, a de maior vigência, na atualidade. Esta vê o esporte como uma ferramenta efetiva para o desenvolvimento pois tem a tendência a ensinar habilidades de vida (como autoestima, autoconfiança e disciplina), valores e conhecimento social e qualidades de liderança para a vida moderna. Acredita-se que tais ensinamentos seriam apreendidos naturalmente através do esporte e de competições juntamente com uma visão pedagógica, sutil, de se adequar às normas sociais, tornando quem pratica o esporte, pessoas socializadas e cidadãos produtivos. De modo que, ao invés de se tornarem integrais em seu desenvolvimento, reproduzem a norma (HARTMANN; KWAUK, 2011).

A segunda perspectiva traz uma ideia mais radical do Esporte para Desenvolvimento. Para os autores, que citam Darnell (HARTMANN; KWAUK, 2011), uma abordagem mais progressista do ED seria onde o mesmo partiria de uma visão crítica da sociedade, suas relações de poder e desigualdades. Nesse lugar, o esporte se tornaria, também, a porta de entrada para o público-alvo deste desenvolvimento, juntamente com outros programas e iniciativas. A educação aqui tomaria um lugar de instrutora do empoderamento para os jovens considerados vulneráveis. E o desenvolvimento através do esporte seria realizado *com* seus participantes e não *para* ou *pelos* mesmos. Assim, reconhecer-se-iam as desigualdades, opressões e explorações que a humanidade sofre, buscando desafiá-las e transformá-las ativamente.

Historicamente, Pierre de Frédy, educador e historiador francês, conhecido por Barão de Coubertin, deu início ao Movimento Olímpico, fundando os Jogos Olímpicos Modernos (MIRAGAYA, 2009; WEINBERG; GOULD, 2017). O barão acreditava no esporte como parte da educação de qualquer jovem, assim como outras disciplinas e tinha por visão harmonizar a educação entre mente e corpo. Reformando o sistema de educação francês para incluir o esporte como parte integral da rotina escolar (MIRAGAYA, 2006; MIRAGAYA, 2009). Ele também considerava que os atletas, em encontros desportivos internacionais, pudessem ser ‘embaixadores da paz’. Apesar do posicionamento de grande valia para tal dimensão do esporte por parte de Coubertin, vale destacar que o barão era bastante contrário a participação das mulheres nos jogos olímpicos. Tal postura dentro do COI levou décadas para ser modificada, segundo as pesquisas de Miragaya (2006), o que corresponde, também, as incontáveis lutas das mulheres por reconhecimento e inclusão em diversas áreas consideradas tradicionalmente masculinas.

Este foi o primeiro, e um dos maiores, projetos visando o Esporte para Desenvolvimento, e partiu da indignação de Coubertin e seus associados com o processo capitalista e a desigualdade econômica da época, o século XX e XXI (GIRGINOV, 2008). Segundo o autor, Pierre desiludiu-se com a internacionalização emergente da vida focada no materialismo e, por isso, propôs uma doutrina educacional para contornar tal tendência, sendo essa doutrina propagada através do Jogos Olímpicos (GIRGINOV, 2008) e do Comitê Olímpico Internacional, o COI. Weinberg e Gould (2017, p. 8) acrescentam, ainda, que Coubertin “escreveu sobre aspectos psicológicos do esporte e organizou os dois primeiros congressos Olímpicos com foco na psicologia” dentro do possível da época, no primeiro período da história da Psicologia do Esporte.

Entretanto, o Esporte para Desenvolvimento ganhou uma notoriedade maior e mais ampla, de acordo com Burnett (2009) e Rodrigues (2008) quando se tornou uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) em 2003, a resolução 58/5. A resolução levou em consideração “o papel do esporte e da educação física como meios de promover educação, saúde, desenvolvimento e paz” (ONU, 2003a, p.1, tradução nossa), os direitos da criança discutidos dentro da organização, a preocupação com atletas e os riscos de violência no esporte, *doping*, excesso de treinamento, entre outras coisas, e o relatório da Força Tarefa entre Agências das Nações Unidas para o Esporte para o Desenvolvimento e a Paz. O relatório trouxe que:

O esporte é muito mais do que um luxo ou uma forma de entretenimento. O acesso ao esporte e a prática do esporte constituem um direito humano e essencial para que indivíduos de todas as idades conduzam uma vida saudável e plena. O esporte – desde a brincadeira e a atividade física até o esporte competitivo organizado - tem um papel importante em todas as sociedades. O esporte é fundamental para o desenvolvimento de uma criança. Ensina valores fundamentais, tais como a cooperação e o respeito. Traz melhorias para a saúde e reduz a probabilidade de doenças. É uma força econômica significativa que gera emprego e que contribui para o desenvolvimento local. Além disso, reúne indivíduos e comunidades, servindo de ponte entre as diferenças culturais e étnicas. O esporte oferece uma ferramenta bastante custo-efetiva para os desafios do desenvolvimento e da paz. (ONU, 2003b, p. 6).

Assim, a resolução afirmou e objetivou, dentre outros pontos, promover o esporte e a educação física para todos, em especial quando em associação à programas e políticas de desenvolvimento, tendo em vista o avanço da saúde, a criação de pontes culturais e a solidificação de valores coletivos. Também, há o reconhecimento do impacto do esporte para com o desenvolvimento econômico e social e o encorajamento do trabalho em conjunto para que a educação física e o esporte possuam oportunidades de solidariedade e cooperação em prol da paz, igualdade social e de gênero (ONU, 2003a). Em dezembro de 2016, a Assembleia Geral

da ONU teve sua 71ª reunião, na qual enfatizou a deliberação 58/5, reconhecida por determinar o esporte como meio de promoção de educação, saúde, desenvolvimento e paz (ONU, 2003), além de outras desenvolvidas neste período de treze anos, estabelecendo a Resolução 71/160.

Nesta, o papel do esporte e o lugar que ele ocupa no mundo, segundo a perspectiva adotada pela ONU, foi reforçado. Incorporaram-se princípios como aumentar o suporte e a divulgação de programas e políticas reativos aos programas e políticas do esporte para desenvolvimento e paz; aumentar o investimento financeiro em tais atividades; criar e facilitar medidas de monitoramento e avaliação para averiguar a efetividade da resolução e de seu impacto sobre os público-alvo (ONU, 2016). A resolução mais recente adota pela ONU, a 73/24 de 2018, mantém a apropriação do esporte com veículo de transformação, sendo este um facilitador para o desenvolvimento sustentável.

A deliberação enfatiza e reconhece a importância de se ter um olhar holístico para a saúde e bem-estar – através da educação física e do esporte –, prevenindo doenças, promovendo estilo de vida saudáveis. O decreto concorda com o poder do esporte para “mudar percepções, preconceitos e comportamentos, assim como para inspirar pessoas, quebrar barreiras sociais e políticas” (ONU, 2018, p.2, tradução nossa). Por fim, a resolução alerta para a prevenção de corrupção e discórdia no esporte e valoriza a visão coerente e integradora de se abordar a resolução e suas metas. Existem diversos posicionamentos em relação às resoluções da ONU (RODRIGUES, 2008), entretanto, ela direcionou fortemente a perspectiva atual sobre o Esporte para o Desenvolvimento.

3.5 Políticas Públicas no Esporte

Historicamente, a Política Pública como área de conhecimento e disciplina acadêmica surge nos Estados Unidos, a partir de uma ordem distinta a qual era abordada. Na Europa, partia-se do estudo sobre Estado e instituições, teoricamente, para então se pensar o que seriam as políticas públicas. Contudo, nos EUA, estas surgiram nas universidades, sem se deter nos estudos sobre o papel do Estado e dando ênfase às ações governamentais (SOUZA, 2006).

Assim, dentre as muitas definições do que são as políticas públicas, pode-se compreendê-las, de maneira geral, como área do conhecimento que visa tanto colocar o governo em ação como analisar a mesma e, caso necessário, propor mudanças no curso dessas ações. Ao serem formuladas, as políticas públicas traduzem os propósitos e programas dos governos

democráticos em ações que produzirão efeito no mundo real (SOUZA, 2006). Elas possuem visão holística, ainda, baseiam-se em disciplinas, teorias e métodos, entretanto, também pertencem à diversas outras áreas de conhecimento, com suas teorias e metodologias próprios, segundo Souza (2006).

As políticas públicas têm como elementos principais a capacidade de distinguir entre o prescrito/programado e o que de fato é realizado nos governos. Ainda, ela abarca vários atores, em vários níveis de decisão, não se limitando à leis e regras; ela possui objetivos intencionais, com o propósito de serem concretizados. As políticas públicas também geram impactos à curto, médio e longo prazo, e, implicam nos processos de implementação, execução e avaliação, após terem sido escolhidas (SOUZA, 2006).

No esporte, entende-se que este é um direito constitucional e, também, um fenômeno social. De modo que ele impacta diretamente e indiretamente o funcionamento da sociedade, ao passo que também é afetado por ela. O esporte, na era contemporânea, acompanhou os efeitos das revoluções industriais, guerras e tantas outras mudanças sociais do último século – reforçando a ideia de que ele é, também, uma tela que reflete a dinâmica social (CFP, 2019). Por isso, as políticas públicas no contexto desportivo visam fomentar a prática de atividades físicas e do exercício, sem deixar de defender o direito de manifestação e investimento nas potencialidades do esporte (CFP, 2019).

Considerando que o esporte tem muitos braços, entende-se que a atuação do psicólogo precisa alcançar essas extensões, da mesma forma que suas diretrizes sociais para o esporte necessitam reconhecer tal pluralidade. Segundo o Conselho Federal de Psicologia (p.76, 2019), acredita-se que *“O compromisso da(o) psicóloga(o) deve superar o resultado de uma partida ou campeonato, porque sua prática está vinculada a uma concepção de ser humano não utilitarista, não-mecanicista e também não-imediatista.”*. Logo, suas políticas públicas, que em maioria vão contra essa lógica e a favor dos ideais capitalistas e de espetacularização do esporte, precisariam ser embasadas nesse pensamento.

Apesar disto, tratando-se das políticas públicas, estas são voltadas, usualmente, para o alto rendimento e pouco se faz para fomentar a prática esportiva, em qualquer modelo, como direito, descrito na Constituição (1988; CFP, 2019). Por isso, de acordo com o CFP:

Na prática, estar envolvido com Psicologia do Esporte e Políticas Públicas significa atuar em uma perspectiva transformadora que se utiliza de práticas de atividades físicas e esportivas. O efeito dessa conquista se desdobrará na luta constante, dentro dos espaços formativos e esportivos, pela conquista a igualdade de

direitos. Contribuirá para uma formação humana cidadã, garantindo espaços de fala como exercício de liberdade e valorização do coletivo (CFP, p. 87, 2019).

4. MÉTODOS

A pesquisa realizada se deu no cunho qualitativo, cujo foco é descrever e detalhar como os processos se dão (BREAKWELL, G. M. et al., 2010), analisar e aprofundar no conhecimento sobre os temas abordados. Assim, seus dados foram obtidos diretamente no campo onde ocorrem, mediante a autodescrição. Esta foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com representantes e/ou psicólogos, pré-selecionados, atuantes em instituições de projetos sociais desportivos.

4.1 Participantes

Os participantes desta pesquisa qualitativa foram 9 profissionais, maiores de idade, sendo 3 psicólogos (2 mulheres e 1 homem) e 6 gestores (5 homens e 1 mulher), todos representantes das instituições desportivas previamente contatadas, pois considerou-se que estes possuem a vivência necessária (FLICK, 2009) para que nos aprofundássemos na realidade deste contexto da Psicologia do Esporte. Assim, foram encontradas aproximadamente 149 instituições listadas no site da REMS -- Rede do Esporte pela Mudança Social. Entre elas, excluíram-se instituições educacionais, como universidades, ou de comércio, totalizando-se 11. Logo, 138 psicólogos e/ou representantes de instituições sociais seriam convidados a participar da pesquisa. Teve-se por critério de inclusão que tais organizações:

- Possuíssem, no mínimo, 2 anos de atuação (cabendo este mínimo ao profissional ou à instituição e seu representante);
- Tivessem sede no território nacional brasileiro, podendo ter filiais em outros países;
- Desenvolvessem ou tivessem por objetivo a realização de projetos sociais desportivos.

Assim, foram excluídas da pesquisa e do segundo contato, realizado pela própria pesquisadora, as instituições listadas no site que apenas apoiam programas sociais e, não necessariamente, desenvolvem os mesmos; como, por exemplo, instituições universitárias ou organizações desportivas de cunho unicamente administrativo ou de associação de psicólogos.

E, também, aquelas cuja forma de contato não foi encontrada ou não estava disponível nos sites acessados – da REMS e das próprias instituições.

Vale destacar que a REMS, Rede Esporte pela Mudança Social reúne mais de 100 instituições, localizadas em 22 estados e o Distrito Federal brasileiro, que creem no esporte como fator de desenvolvimento humano e, por isso, realizam mais de 100.000 atendimentos diretos por ano. Tendo por objetivo trazer luz ao trabalho destas organizações e demonstrar o impacto social e o poder transformador do esporte. Sendo essa inspiração para pessoas, instituições, governos, promoção de saúde, desenvolvimento humano, ética e cidadania, de acordo com a visão da própria REMS. As diversas instituições que participam da REMS atuam através de ações ligadas ao esporte pela transformação social, em interação com temas como cultura de paz, direitos humanos, família, saúde, desenvolvimento econômico, diversidade, comunicação, gênero, raça, etnia, meio ambiente e inclusão de pessoas. Logo, entende-se que a REMS é uma ampla rede de instituições desportivas que realizam, ou buscam realizar, o trabalho que esta pesquisa visou analisar em seus objetivos (A REDE, 2016).

Devido a pandemia do COVID-19 – que foi a propagação a nível mundial do Coronavírus entre o final de 2019/início de 2020 até o presente momento deste trabalho, levando a diversas medidas e temporadas restritivas para trabalho, saúde e contato social pelo globo a fora –, a possibilidade de participação destas instituições foi significativamente afetada. Em contato com a própria direção da REMS, esta informou que houve diminuição na participação e interação daquelas para com a organização durante o contexto pandêmico; o que, consequentemente, impactou o número de envolvidos nesta pesquisa. Considerando este fato e, a partir dos critérios explicados, portanto, foram selecionadas as 9 instituições, com seus respectivos participantes – sendo estes psicólogos ou gestores – para a realização da pesquisa.

4.2 Instrumento

Os instrumentos utilizados para a etapa de entrevista foram duas opções de questionários, atribuídas aos participantes de acordo com a formação ou função dos mesmos na instituição. Ou seja, para os profissionais que eram psicólogos(as) utilizou-se um tipo de questionário (APÊNDICE 3) e, para os que não eram, outro modelo de questionário foi utilizado, com algumas perguntas distintas (APÊNDICE 4). Logo, foram desenvolvidas e anexadas nesta pesquisa dois roteiros para as entrevistas semiestruturadas. Vale informar que o mesmo foi organizado com dados sociodemográficos, somado a doze perguntas que acessavam

histórico da instituição, como esta é mantida, objetivos, funcionamento das mesmas; contextualização da psicologia do esporte, os benefícios e desafios relacionados a essa integração entre psicologia do esporte e as instituições pesquisadas.

As entrevistas se deram ao longo de um mês, realizadas via *Zoom*, programa que permite reuniões *online* e também possibilita a gravação das mesmas. Assim, todas as entrevistas foram gravadas, com a autorização dos participantes, sendo o objetivo das gravações facilitar a transcrição das mesmas posteriormente. Elas duraram em torno de uma hora a uma hora e meia, com alguns percalços devido a conexão da rede *internet* tanto da pesquisadora quanto dos entrevistados. Para a transcrição das entrevistas, também, foi utilizado o programa da *Microsoft Office Online*, que permite transcrição de arquivos gravados; de modo que a pesquisadora realizou diretamente, assim como acompanhou e conferiu a transcrição gerada pelo programa a partir dos próprios arquivos de áudio e vídeo das entrevistas que o aplicativo *Zoom* registrou.

4.3 Procedimento

Para as entrevistas, foram consultados psicólogos do esporte que trabalhem em projetos sociais desportivos e/ou representantes desses mesmos projetos para que se realize as entrevistas semiestruturadas. Inicialmente, como supracitado, para estarem incluídas na pesquisa, foram endereçadas as instituições ligadas ao REMS, Rede Esporte pela Mudança Social, constadas como membros no site. Esta contém 149 instituições envolvidas com a REMS no país, sendo algumas delas universidades parceiras, associações administrativas relacionadas ao esporte ou psicologia do esporte, e as instituições sociais em si. Dessa forma, a pesquisadora entrou em contato com a REMS e a mesma enviou um e-mail geral para suas instituições afiliadas, com cópia para a pesquisadora, divulgando a pesquisa e os critérios necessários para a participação da mesma, e aguardamos o retorno das organizações.

Posteriormente, a própria pesquisadora reforçou o convite para a pesquisa, através das formas de contato disponíveis nos sites das organizações situadas na página *online* da própria REMS. Elas foram contactadas através de e-mail, telefone ou mensagem em suas redes sociais, *Instagram* e/ou *Facebook* em uma tentativa de aumentar a chance de participação por parte das instituições. Em caso de aceite, as instituições receberam uma Carta de Anuência e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, como forma de assegurá-las dos procedimentos éticos da pesquisa. Para as entrevistas, inicialmente foram propostas as opções de realiza-las via

videoconferência ou pessoalmente de acordo com a preferência dos próprios participantes. Entretanto, devido a serem de estados distintos, optou-se por realizar todas as entrevistas via videoconferência, mesmo as localizadas no estado do Rio de Janeiro, onde a entrevistadora residia. Estes contatos e coletas de dados foram realizados após a aprovação deste projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CONEP), a partir de setembro de 2021.

As 149 instituições foram contatadas diretamente pela REMS – Rede Esporte pela Mudança Social – e aguardado o seu retorno para a pesquisadora. A mesma, contudo, realizou um segundo contato com as instituições listadas no site da REMS, excluindo aquelas que não poderiam fazer parte da pesquisa com base nos critérios de inclusão e exclusão, igualmente citados no tópico 4.1 – Participantes, desta pesquisa; e, tendo em mente que o contexto pandêmico poderia afetar – e afetou – a intenção de participação na pesquisa proposta. Assim, o número inicial almejado não foi alcançado, pois, considerando-se os critérios e fatos mencionados, 43 instituições não receberam o segundo contato da pesquisadora, embora tenham recebido o e-mail pela própria REMS. Esta, entretanto, por motivos de segurança e privacidade, não divulgou com a mesma o contato de suas instituições; por isso, esse segundo contato foi realizado apenas por meio das informações disponíveis nos sites das organizações.

Das 106 instituições restantes acessadas pela pesquisadora, que também foram contadas pela REMS, apenas 14 mantiveram o contato indicando interesse em participar da pesquisa. Dentre as catorze instituições, 1 instituto agradeceu o convite, porém informou não estar realizando entrevistas naquele momento. Outras 4 organizações confirmaram a entrevista, mas não prosseguiram com o agendamento da mesma em tempo hábil para sua realização. Assim, chegou-se ao grupo amostral de 9 instituições, que foram fonte para as entrevistas e, posteriormente, análises aqui propostas.

4.4 Plano de Análise de Dados

Para a análise dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo de Bardin, pois, adequa-se ao método qualitativo adotado nesta pesquisa. Segundo Bardin (2016), a análise de conteúdo pode ser entendida como:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2016, p. 48).

Portanto, a análise das entrevistas se deu por meio da análise de conteúdo. A realização da mesma seguiu as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e interpretação. A primeira etapa consiste em organizar e sistematizar a forma como a análise é conduzida. Embora essa etapa seja de organização, suas atividades são não-estruturadas; assim, realizou-se a leitura flutuante, onde entra-se em contato com o texto e o pesquisador deixa-se ser invadir por impressões e orientações (BARDIN, 2016, p.126); seguida da escolha dos documentos – as entrevistas então realizadas – que se deu primeiro definindo o objetivo da pesquisa – analisar a relação entre psicologia do esporte e esporte para desenvolvimento – respeitando as regras de homogeneidade, pertinência e representatividade dos dados coletados.

As hipóteses da pesquisa, dentro desta metodologia, podem surgir ao longo da análise dos dados; de modo que, segundo Bardin (2016, p.128), “algumas análises efetuam-se ‘às cegas’ e sem ideias preconcebidas”. Em seguida, o material foi preparado, ou seja, as entrevistas foram transcritas, alinhadas e editadas para padronização na escrita, porém sem perda do conteúdo semântico (BARDIN, 2016). Na etapa seguinte, o material foi explorado, o que consiste na codificação e categorização dos elementos.

Ou seja, o texto foi recortado em unidades de registro codificadas por personagem – o sujeito, no caso desta pesquisa, e sua função nos relatos analisados; e, também, codificaram-se os dados por tema, definido por Berelson citado por Bardin (2016, p.135), como referem: “afirmação acerca de um assunto. Quer dizer, uma frase, ou uma frase composta, habitualmente um resumo ou uma frase condensada, por influência da qual pode ser afetado um vasto conjunto de formulações singulares”.

Logo, a análise temática consiste em descobrir núcleos de sentido que representem algo para o objetivo analítico. Por ser uma análise qualitativa, seus indicadores são não-frequenciais, permitindo as inferências – “variáveis inferidas, a partir de variáveis de inferência ao nível da mensagem” (BARDIN, 2016, p.146). Ainda, Bardin (2016) exemplifica que a presença, ou ausência, de um tema pode ser um índice mais produtivo do que a frequência em que esse aparece. Ou seja, parte-se do princípio metodológico que esta análise qualitativa dos temas é fundada na sua presença e não na frequência dos mesmos.

Posteriormente, realizou-se a categorização. Esta pode ser compreendida como uma operação que classifica elementos que constituem um conjunto primeiro individualmente, e, então, reagrupa-os segundo seu tipo, a partir de critérios definidos. É possível utilizar o critério

da semântica, relativo a categorias temáticas; sintático, classe de palavras; léxico, onde classifica-se palavras segundo seu sentido ou, por fim, expressivo, categorias que demonstram perturbações da linguagem (BARDIN, 2016). Para fins desta pesquisa, o critério para categorização foi a semântica, adequado também para a codificação temática utilizada na etapa anterior.

Em última etapa, cumpriu-se o tratamento dos dados, ou seja, a descrição e interpretação de cada categoria levantada no processo de análise, o que identifica a análise categorial. Esta, segundo Bardin (2016):

“Funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos. Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação de temas, ou *análise temática*, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples” (BARDIN, 2016, p. 201).

Logo, todas as etapas foram realizadas e trabalhadas em tempos distintos previsto no cronograma inicial, devido a diversos fatores tanto pessoais da pesquisadora, como relativos a aprovação da pesquisa no Comitê de Ética, descritos na seção a baixo.

4.5 Preceitos Éticos

Como parte fundamental do procedimento desta pesquisa, a mesma foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CONEP), para avaliação da proposta, entre janeiro e setembro de 2021. Após ser enviada em janeiro de 2021, o Comitê responsável, dentre muitas solicitações de ajustes técnicos e/ou estruturais do projeto, aprovou a pesquisa no final de setembro de 2021. Ao ser aprovada, sob o protocolo Nº. 5.007.463, as entrevistas foram agendadas e realizadas, seguindo os procedimentos éticos para concordância com a mesma, onde os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Este (APÊNDICE 1) conteve as informações éticas sobre a pesquisa e viabilizou a autorização do uso e análise das entrevistas para fins científicos. E, também, a Carta de Anuência (APÊNDICE 2) corroborando a participação da instituição/organização na mesma.

5. RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS

De acordo com o que foi apresentado na seção referente a metodologia anteriormente, apresenta-se aqui os dados sociodemográficos do grupo amostral; e, posteriormente, a análise categorial, da análise de conteúdo, que se dá a partir dos temas encontrados e agrupados na

etapa de codificação e categorização, respectivamente, dos relatos e falas aqui pesquisados. Portanto, os resultados emergentes dessa etapa de categorização dos dados, e também organizados a partir dos objetivos desta pesquisa, foram sistematizados nos seguintes tópicos: Características Sociodemográficas (5.1); Prática da Psicologia do Esporte nas Instituições Sociais Desportivas (5.2); Benefícios e Dificuldades da Relação entre Psicologia do Esporte e Esporte para Desenvolvimento (5.3). Como a entrevista semiestruturada propiciou desdobramentos para além dos objetivos específicos, foi possível elaborar dois itens adicionais neste capítulo, sendo estes: Trabalho em Rede (5.4). E, finalizando as análises, o tópico A Prática entre Psicologia do Esporte e Esporte para Desenvolvimento (5.5), pretende costurar e alinhavar os itens anteriores de maneira geral. Tais tópicos são descritos e interpretados a seguir.

5.1 Características Sociodemográficas

A pandemia do COVID-19 muito provavelmente influenciou baixa assiduidade das instituições para participação na pesquisa – como a própria REMS citou em contato com a pesquisadora; além de algumas (n=43) não se encaixarem nos critérios de participação da pesquisa. De modo que, de fato, chegou-se ao grupo amostral de 9 instituições, de estados 5 distintos, que participaram da pesquisa por meio de seus representantes, sendo estes de 3 formações acadêmicas diferentes. Os estados participantes foram Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco e Ceará; e, as formações acadêmicas presentes foram Psicólogos(as) (3), Educadores Físicos (5) e Pedagogo (1), organizados no Quadro 1.

Quadro 1. Profissão e Localização dos Entrevistados

<u>Estado</u>		Rio de Janeiro	Pernambuco	Ceará	São Paulo	Minas Gerais	<u>Total</u>
	Psicologia	Luta pela Paz / Instituto Reação (2)	-	-	Associação Pró-Esporte e Cultura (1)	-	N = 3

<u>Profissionais</u>	Educação Física	Instituição do Homem Novo (1)	-	Instituto Esporte Mais (1)	Associação Santa Fé Hunters / Instituto Crescer no Esporte (2)	Natividade (1)	N = 5
	Pedagogia	-	Associação Craque Só de Bola (1)	-	-	-	N = 1

Para o mapeamento almejado nos objetivos específicos, o número de instituições participantes não foi o adequado, devido ao baixo retorno das organizações passíveis de realizar a pesquisa. Entretanto, foi possível obter dados importantes para a pesquisa, no aspecto sociodemográfico. Das 9 instituições, a mais antiga possui 25 anos de existência (fundada em 1996) e, as mais recentes, 7 anos/8 anos (duas que foram fundadas em 2014). Vale ressaltar, que todas as organizações foram fundadas em anos próximos a eventos esportivos (QUADRO 2), como os Jogos Olímpicos, especialmente dos anos de 1996, 2000, 2004, 2008, 2012 e a Copa do Mundo de 2014; o que levanta a possibilidade destes eventos e a percepção sobre eles serem um fator motivador para a fundação das mesmas; embora apenas uma representante (Instituição 3) tenha trazido esta fala diretamente, ao contar a história da instituição.

“E daí, assim, o Instituto Esporte Mais, ele... ele nasce (...) no ano da Copa do Mundo; então a gente nasce muito nesse embalo dos megaeventos aqui no Brasil. Na época, eu fazia um trabalho com a cooperação alemã, no trabalho de esporte e desenvolvimento; que a gente desenvolvia metodologias, realizava capacitações, é, para que eles, professores, né, educadores, treinadores, enfim, todo... todo mundo que trabalha com esporte e crianças, é, pudessem acessar algumas ferramentas pedagógicas para... para desenvolver um trabalho melhor, né. E aí, eu gostei muito dessa interação; na época, convidei uns amigos que trabalhavam comigo nesse projeto pra gente fundar um instituto e, de certa maneira, quando o projeto acabasse, quando a Copa do Mundo passasse, a gente seguisse fazendo isso e é o que a gente seguiu fazendo, não é”. (Representante Instituição 3).

De acordo com Weinberg e Gould (2017) e Girginov (2008), o Movimento Olímpico foi um dos maiores projetos e movimentos da era moderna que objetivava o Esporte para Desenvolvimento; de modo que, há a possibilidade desses eventos terem sido, minimamente, motivadores para a fundação de instituições sociais desportivas. Contudo, considerando que apenas uma representante trouxe isso em sua fala, cabe ressaltar que este possível fator de motivação precisa ser averiguado com maior profundidade, o que não é o objetivo desta pesquisa, ainda que seja relevante mencioná-lo.

Quadro 2. Instituições e os Anos de fundação

Instituição	Ano de Fundação
Associação Craque Só de Bola (1)	2008
Instituto Crescer no Esporte (2)	2005
Instituto Esporte Mais (3)	2014
Associação Natividade (4)	2014
Santa Fé Hunters (5)	2012
Instituição do Homem Novo (6)	2009
Associação Pró-Esporte e Cultura (7)	1996
Instituto Reação (8)	2003
Luta pela Paz (9)	2000

Quanto ao público-alvo das instituições, todas elas atendem crianças, adolescentes e jovens adultos, de gêneros distintos, contextos e condições sociais diferentes. Vale ressaltar que a instituição 6 atua especificamente com egressos do DEGASE – Departamento Geral de Ações Sócio Educativas –, no Rio de Janeiro, embora possua outros programas dentro da própria organização, com objetivos e públicos outros. E que a Instituição 7 e 8 mencionaram atender Pessoas com Deficiência, também – caso outras recebam tal público, não foi comunicado diretamente.

Portanto, apesar do mapeamento inicialmente planejamento não ter sido concretizado, considerando o baixo retorno das instituições, pode-se compreender em relação as características sociodemográficas que há, possivelmente, maior presença de instituições sociais desportivas no Sudeste, considerando as 7 participantes desta pesquisa, embora essas não estejam limitadas a essa região brasileira, haja vista as outras 2 instituições localizadas no Nordeste. Cabe ressaltar que duas outras instituições, das 4 que concordaram com a pesquisa,

porém não agendaram as entrevistas, estavam situadas em estados da região Sul do Brasil, o que, indiretamente, também contribui para esse dado geográfico. Além disso, sabe-se que as outras organizações listadas no site da REMS estão distribuídas em 23 estados do Brasil, de acordo com as possibilidades de busca por estado das instituições no site, embora não tenha sido possível mapeá-las propriamente através das entrevistas.

Pode-se, também, perceber que o público-alvo de maior presença são crianças, adolescentes e jovens adultos, de ambos os sexos, em sua maioria, em situação de vulnerabilidade social, assim como os casos citados por Pieri e Amato (2019). As modalidades utilizadas são diversas, sendo elas futebol, basquete, *handball*, *taekwondo*, judô, artes marciais, *skate* e outras. Algumas instituições não atuam apenas em uma cidade ou região da mesma, possuindo mais de um polo no Brasil, são elas as Instituições 3, 4, 6, 7, 8 e 9 – vale ressaltar que a Instituição 9 possui uma filial internacional.

Também, algumas das instituições produzem outros programas internos paralelos às atividades esportivas, por exemplo, atividades de leitura, ou relativas à assistência social, como a Instituições 1, 2, 3, 5, 6, 8 e 9. Quanto a presença de psicólogos nas instituições, 6 delas (Instituições 2, 3, 6, 7, 8, 9) possuem profissionais da área na equipe, sejam remunerados ou voluntários; 2 (Instituições 1 e 4) não o possuem e 1 já possuiu (Instituição 5), porém, atualmente encaminha seu público para outros locais ou organizações que prestem esse serviço.

Conclui-se, então, que há uma presença marcante de instituições sociais desportivas distribuídas em nosso país, entretanto, há muito mais que se saber sobre elas, seus dados gerais, seu nível de alcance, programas e o público que atendem. Entretanto, a partir desta pesquisa, pode-se compreender que tais instituições têm por objetivo continuar realizando seu trabalho e estão continuamente se desenvolvendo para realização do mesmo, ampliando suas atividades.

Com base nos objetivos desta pesquisa, há, posteriormente, dois apêndices (5 e 6) com quadros constando todos os temas identificados nas respostas de cada um dos participantes, organizados por pergunta e pela função dos entrevistados – psicólogos ou gestores. Os temas, ou unidades de registros como denomina a análise de Bardin, foram reagrupados nas categorias que são apresentadas desde o tópico 5.2 até o 5.6 desta seção.

5.2 Importância e Prática da Psicologia do Esporte nas Instituições Sociais Desportivas

A categoria aqui apresentada traz falas, relatos e análises referentes a presença, ou ausência de psicólogos(as); a importância destes; como se dá o trabalho dos mesmos nas instituições e ainda, como essa prática é vista da perspectiva dos representantes entrevistados, dos próprios profissionais da psicologia e daqueles alcançados pelo seu trabalho. Como apresentado anteriormente, das nove instituições entrevistadas, 6 possuem psicólogo na equipe, 2 não o possuem e 1 já contou com esse profissional, porém não o faz mais na equipe direta.

Ao serem questionados sobre a importância e presença de um/uma psicólogo(a) do Esporte nas instituições, surgiram diversas falas relativas ao desejo de se haver um profissional, nas instituições que não possuem um; e, as que possuem um profissional da área, reiteraram sua necessidade e relevância. As principais palavras que caracterizaram essa análise foram:

Quadro 3. Importância da Psicologia do Esporte

Importância da Psicologia do Esporte		
	Gestores	Psicólogos
Termos utilizados	Fundamental; Importante; Prioritária; De suma importância; Muito importante; Extremamente Importante;	Importante; forte contribuinte;

Dentre os relatos, observou-se (QUADRO 3) que todos os entrevistados concordaram com a necessidade de a psicologia estar presente nas instituições sociais desportivas. Não apenas para trabalhar diretamente com o esporte, mas para trabalhar através dele e para além dele, como exemplificado nas seguintes falas:

“Dentro dos nossos, nossos recursos humanos, Ana, eu queria um psicólogo, uma psicóloga aqui, sabe? Ana, nós educadores, nós profissionais da área, a gente observa tudo. (...) Então, é nesse momento que às vezes eu como educador, como pedagogo, não consigo alcançar, não é, essa problemática que o jovem está passando. Às vezes, o jovem tem medo,

tem vergonha de falar. Mas, se nós tivermos aqui uma psicóloga, uma pessoa da área, não é, que... que, é, esses jovens pudessem confiar ou até mesmo a família pudesse confiar, não é, tenho certeza absoluta que a gente poderia identificar o problema, não é; quem sabe aí, tentar ajudar de alguma forma”. (Representante Instituição 1)

“Porque a psicologia que a gente aplica né, se eu posso falar dessa maneira, no projeto, ela não é uma psicologia essencialmente do esporte, né? Ela está muito mais é para, para a gente trabalhar aspectos de saúde mental que que tem a ver com esporte. (...) É a gente está buscando uma psicologia que que a gente consiga, minimamente, é, equacionar, assim, essas questões sociais que essas meninas estão envolvidas”. (Representante Instituição 3)

“Hoje, extremamente importante. Não vou nem falar só Psicologia do Esporte, a Psicologia no geral, sabe? A do esporte também. (...) A psicologia... para resumir, a psicologia vai contribuir em tudo; principalmente no trabalho social, aonde criança, jovem, adolescente, famílias, não tem contato, não tem diálogo.” (Representante Instituição 5)

“Assim, que o conhecimento, os recursos, a abordagem que a Psicologia pode levar, trazer e, assim, a provocação que pode fazer, né, ela é fundamental, porque aí que suscita; e nesse, é, é, a partir desse enfoque, dessa provocação, né, dessa observação, é que a gente vai entender, é, o contexto e a individualidade, porque, a cada...cada um ali tem uma história e essa história a gente tem que tentar resgatar. Eu acho que a psicologia, ela é muito importante, ela consegue...ela, ela vai ...vai chegar lá, entendeu? Ela chega lá”. (Representante Instituição 6)

“É um lugar que a gente precisa estar inserido, sabe? Quando a gente fala muito de psicologia do esporte, às vezes, a gente pensa muito pelo viés do alto rendimento ou educacional, assim e, e, a ONG é um lugar que precisamos estar, né? Eu... eu, eu vejo que com meu trabalho, eu consigo alcançar os jovens porque eu vim do esporte. E eu vejo quão é diferente eu usar uma linguagem que está inserido dentro do esporte, para passar aquilo que é preciso para trabalhar dentro de saúde mental, assim, aquilo alcança muito mais, né? (...). É sempre uma questão muito de linguagem, né? De como que a gente alcança; como que a gente transmite, o que a gente sabe, o que a gente conhece, o cuidado que a gente precisa ter em teoria para aquele jovem, no que ele vai viver na prática, né. E o esporte é essa ferramenta que dá, de fato, quando eu falo assim... que, que, que o psicólogo, ele vai ajudar a ter mais ferramentas, ele vai mostrar que você já é capaz, que você já tem algumas ferramentas que

talvez você nem saiba, de lidar com certas situações e eu relaciono isso com como ele lida no ringue. Eu falo assim “Pô, você não deixa de ser ativo nenhum momento, essa ajuda de que o psicólogo vai... o psicólogo não vai fazer por você. Quando você vai treinar com o técnico, né, o técnico não vai entrar no ringue, ele te dá instrução de fora e você ainda escolhe se você segue essa instrução ou não na hora da luta. O Psicólogo é a mesma coisa. Você é ativo. Você é um sujeito ativo o tempo todo. Você está só colhendo mais ferramentas, se desenvolvendo. Quando você vai relacionando, esse tempo todo, com esporte-vida, isso faz sentido. Isso alcança, né? Uma forma até que eu falo, assim, de democratizar, de fato, a psicologia, né?” (Psicóloga Instituição 9).

Tais recortes dos relatos dos entrevistados, destacam que a presença da Psicologia é fundamental não apenas no alto-rendimento, mas nas instituições sociais desportivas também, como possível avaliar na presente pesquisa. A literatura enfatiza que o papel da psicologia é essencial na relação entre instituição, pais e atletas, assim como no processo de acolhimento do público-alvo (PIERI; AMATO; 2019). Da mesma forma, Garcia e Zaremba (2017) afirmam que, no contexto de projetos sociais, o cuidado e atenção com todas os âmbitos da vida dos jovens, adolescentes e crianças alcançados, contextos esses familiares, escolar e social, é de extrema relevância. Nas entrevistas, isso pode ser corroborado pelo fato de a Instituição 1 e 5, por exemplo, terem programas de incentivo à leitura e parcerias com escolas da região. Ambas as instituições mencionaram, também, o contexto familiar das crianças e adolescentes participantes, como destacado anteriormente.

Com base na literatura, no referencial teórico e nos relatos dos participantes, a Psicologia do Esporte pode ser compreendida com extremamente necessária no contexto da Instituições Sociais Desportivas, pois ela traz o olhar sobre o humano, para além do praticante do desporto, seja ele qual for, e, alcança locais que, possivelmente, outras áreas da psicologia não encontrariam espaço para atuar, como dito pela Psicóloga da Instituição 9 e o Representante da Instituição 6, que são corroborados por Silvestre e Marques (2007), citados por Pieri e Amato (2019, p. 376) ao afirmarem: “(...) um projeto social cuja ação é com esporte e com público beneficiária composto por crianças e adolescentes tem como objetivos primordiais: a educação para formação integral, a educação para a cidadania e, conseqüentemente, a inclusão social”.

Ou seja, o ambiente de projetos sociais é também local de atuação para a Psicologia do Esporte, realizando uma Psicologia Social do Esporte, que olha para além do alto-

rendimento; que, como descrito previamente, visa os fatores psicossociais que influenciam a prática de atividade física e/ou desportiva e os efeitos que a prática das mesmas tem sobre o funcionamento psicossocial dos sujeitos (ESCARTÍN, 2000; GARRIDO TORRES; BOHÓRQUEZ GOMÉZ-MILLÁN, 2011). E podemos concluir que, de fato, esse tem sido seu objetivo e abordagem para com as instituições sociais desportivas, ao basearmos nos relatos das instituições que possuem psicólogos.

Da mesma forma, a prática dos psicólogos presentes em 6 das instituições se deu de diversas formas, tanto diretas quanto indiretas. De acordo com os relatos, muito do que foi realizado parte da perspectiva que integra Psicologia do Esporte e Esporte para Desenvolvimento, e outras áreas das chamadas Ciências do Esporte – como nutrição, educação física – e da própria Psicologia Social, e, também, assistência social. A prática destes profissionais foi e é, concomitantemente, clínica, institucional, educacional e social, adequando-se ao *setting* desportivo e institucional. O psicólogo da Instituição 7 descreve que:

“A psicologia do esporte em si vai trabalhar justamente garantindo a cidadania, o direito à cidadania é e também aos direitos dessas crianças que estão, é, que são nossos alunos né. Então, a ideia... “ah, mas, não, isso está muito longe”. Como que isso acontece? É justamente na ida, nossa, enquanto psicólogo nos núcleos... de repente a gente faz alguma intervenção, a gente elabora todo o material para que o educador lá na ponta utilize desse material; partindo de...de autores que colaboram com essa ideia de transformação social, na...na própria comunidade. Então, a gente está atuando diretamente, que a gente pode atuar diretamente com os alunos, mas como a gente não está em todos os núcleos....E lá nós somos agora em 2 psicólogos do esporte, é, a gente não está em todos os núcleos, é, a gente elabora material para que quando a gente não esteja, a gente consiga, pelo menos, uma aproximação, é, dessa prática... de garantir essa, essa prática, essa aula, essa atividade, é, como uma forma ou uma alternativa para a transformação, é, social acontecer; para que a gente alargue as possibilidades de desse nosso aluno que tem... vem recebendo a aula e fazendo as atividades, frequentando as aulas... então para que ele consiga alargar as suas possibilidades, de devir, né, de futuro, a partir do esporte, a partir das atividades culturais, enfim, é das atividades que a gente tem lá na ONG.” (Psicólogo da Instituição 7).

Para a Psicóloga da Instituição 9, onde seu trabalho é com o público feminino também, ela afirma que, na prática, integra a Psicologia do Esporte com aspectos biopsicossociais:

“Eu falo: ‘como você constrói caminhos? Como você se vê a partir do esporte?’, né. E, às vezes, metas pequenas; às vezes, um projeto de corrida, as meninas chega ‘ah, eu não vou ser capaz de correr 2 km’ quando você vê, está correndo 5 km, está correndo 10 km. ‘O quê que isso quer dizer para você?’, sabe? ‘O que que isso diz sobre você?’ E como que isso, que a gente coloca, trabalha o desenvolvimento pessoal? (...) Quando o jovem se veem sendo, realizando coisas, através do esporte, desenvolvendo relacionamentos com a vida, eu acho que nisso daí que se dá uma grande potência. Então, acho que é um lugar que a gente precisa se aproxima, apropriar, de fato. A psicologia social ela está ali, de mão dadas com a arte, com a cultura, com... com, com esporte, assim; isso é uma ferramenta poderosíssima”. (Psicóloga da Instituição 9).

A profissional também levanta o questionamento sobre a neutralidade e sobre o afetar do Psicólogo do Esporte em sua atuação. Ela dá o exemplo de treinar, muitas das vezes, com os próprios atletas o que a possibilita estar inserida nesse meio e, também, criar caminhos para os vínculos e acesso a esse público que é o alvo do atendimento e acolhimento da psicologia. Ela trouxe que:

“É, eu treino com os atletas lá na Maré, boxe. E por que que eu treino? Eu treino propositalmente; porque eu estou lá dentro, com eles no dia a dia, entendendo quem é o mestre deles, que é o cara mais respeitado por eles, que está no dia a dia deles, inserido, que passa por tudo, que acompanha, que apoia, que acolhe. (...) Então, isso é uma tática que eu, que eu entendi desde quando eu comecei a lutar, que eu fui inserida... eu fui trabalhar com as meninas do MMA... Porque... eu até lembro uma vez que o treinador veio me apresentar, falou ‘ah, essa é psicóloga que vai fazer um trabalho com vocês. Ela sabe o quê que é levar um soco na cara’. Aí todo mundo ficou assim ‘quê, que isso’ [faz cara de surpresa].”. (Psicóloga Instituição 9)

Da mesma forma, a Psicóloga da Instituição 8 relatou que seu trabalho, na prática, se dá pela observação e presença direta no dia a dia do grupo com que trabalha, embora seu foco seja, diferente do foco desta pesquisa, o alto-rendimento. Contudo, sua fala cabe ser mencionada: *“Com os atletas, é, é direto, assim é dentro do tatame, descalça, ali, junto com eles. (...) É então a minha atuação é muito próxima, tá; é uma atuação que, que está em contato com eles no momento onde eles estão fazendo, praticando a modalidade, então, requer muita, muita observação, que é o que me traz material, na verdade, para fazer as minhas intervenções, é, de atendimentos, porque aí em algum momento eu atendo eles individualmente. É, cada um com sua queixa, cada um com a sua demanda, mas muito do meu material vem dessas observações”. (Psicóloga Instituição 8)*

As falas dos três psicólogos podem ser discutidas, analisadas e corroboradas pela literatura. Para Pieri e Amato (2019), nos casos citados pelos autores, a proximidade e confiança proporcionada pelo psicólogo facilita a interação, intervenção e estabelece bons vínculos, para os momentos de dificuldade do público atendido, assim como em outros momentos de reconhecimento. O que nos leva a análise de que o trabalho da Psicologia do Esporte, além de importante, como constatado anteriormente, também é um trabalho de afeto e presença atenta, o que não se limita a área da Psicologia do Esporte. Entretanto, dentro do contexto aqui pesquisado, podemos compreender que o Psicólogo do Esporte precisa estar ciente da modalidade na qual trabalha, e conhece-la tecnicamente, bem como trazer o olhar biopsicossocial para sua prática, de forma que reconheça o contexto social e as questões que atravessam o sujeito que participam dos projetos sociais e o próprio propósito das instituições (PIERI; AMATO, 2019).

A atuação da psicologia, em prática integrada com outras formações acadêmicas, também conta com objetivo de desenvolver habilidades socioemocionais, como descrito pela Representante da Instituição 3: *“E a gente trabalha também, desde sempre, com habilidades socioemocionais, então; e a gente trabalha com a mensuração, né, do desenvolvimento dessas habilidades, né; quais são os atributos, né, e a gente percebe ali um aumento significativo em autoestima e autoconfiança, por exemplo. E a gente tenta, de tempos em tempos, conversar com o que a gente chama de conselho científico”*. (Representante da Instituição 3).

Liz et al. (2009) destaca que, de fato, o esporte traz impacto sobre a autoconfiança daquele que o pratica, de modo que, quando intencionalmente incentivado e desenvolvido, por meio do esporte, ele pode se estender para outros aspectos da vida, o que podemos perceber na experiência relatada Psicóloga da Instituição 9. Garcia e Zaremba (2017) confirmam este objetivo e método da prática psicológica ao afirmarem que trabalhar as habilidades sociais e individuais a partir do esporte, preocupando-se com o atleta como pessoa e não apenas como competidor, é um dos objetivos dos projetos sociais e, portanto, dos psicólogos do esporte presentes nesses espaços. Pois, como afirmado pelos entrevistados da Instituição 1, 2 e 5, em específico, nem todos os praticantes de esporte serão atletas profissionais, dado o nível acirrado e exigente da prática desportiva no alto-rendimento, como também mencionado pelos Representantes da Instituições 1 e 5, respectivamente:

“Eu falei, ‘não, eu não estou vendo criança, estou vendo futuros empresários, futuros advogados, futuros professores. Eu estou vendo isso.’ É a criança sim, beleza; jovem como jovem, mas nós damos muitos a eles; ferramentas para que eles possam, é, se desenvolver por

livre espontânea vontade, ferramentas para buscar, não é. A gente faz saída pedagógica – vamos voltar, né, claro, a pandemia atrapalhou bastante – a gente faz de saída pedagógica, eles conhecem outros lugares, eles começam a se alimentar, não é, de, de cultura, de informação, não é. Então, o projeto em si é formar cidadão.” (Representante Instituição 1).

“É, aí uma das coisas é essa questão, né, que nem eu falei pra você... quase 3.600 jovens, eu acabei de falar que eu tenho 1 atleta profissional, uma segunda nascendo. E os outros 3598? “Ah, são um atleta, mas, não são”... só que eu consigo olhar... olhar pro lado, olhar para trás assim, olha só: uma dúzia em faculdade de tecnologia, outra dúzia, é, fazendo educação física, outra dúzia tá trabalhando, outros não, ainda não tem condições, outros estão começando a vida agora...Então, para mim, essa é a...o case de sucesso, sabe?” (Representante Instituição 5).

Erickson e Côté (2016) trazem que a prática da psicologia do esporte, contextualizada no esporte para o desenvolvimento é possibilitar novas formas de ser, assim como exemplifica o relato da Psicóloga da Instituição 9 e de transformação social como traz a literatura do Esporte para Desenvolvimento, explícita, também, na fala do psicólogo da Instituição 8. Portanto, da mesma forma que entendemos a própria Psicologia como a facilitação e ressignificação da nossa saúde mental e de crenças e perspectivas que temos sobre nós mesmos, os outros e o mundo, a Psicologia do Esporte nesse contexto, ou em qualquer outro, deve e necessita viabilizar as transformações que os contextos sociais onde os projetos desportivos estão inseridos demandam.

Como também mencionado, tal atuação parte de uma perspectiva e entendimento específico do esporte como uma ferramenta, um atrativo, um meio de extravasar angústias, uma linguagem para alcançar tais públicos e, minimamente, transformar, alcançar, ressignificar ou gerar reflexão sobre diferentes questões. As instituições entrevistadas trouxeram objetivos para sua atuação relacionados às diferenças e preconceitos de gênero (Instituições 2 e 3), ao tráfico e uso de drogas (Instituição 1), às infrações na lei e violência (Instituições 6 e 9), à vulnerabilidade social (instituições 4, 5 e 7) e à própria cidadania (Instituição 1 e 8). De modo que, visando atender tais problemas sociais, eles utilizaram do esporte como essa ferramenta, em sua maioria associado com a psicologia do esporte de maneira direta, com exceção das Instituições 4 e 1 que não possuem o profissional da área em sua equipe, ou contato indireto com o serviço. A forma como tais psicólogos e gestores veem o desporto pode ser analisada e compreendida a partir das seguintes falas dos entrevistados:

“Pois bem, justamente por conta que a única linguagem que nós encontramos na época, referente ao jovem e, principalmente ao menino, né, o homem. E no meio, no meio das drogas, do usuário ou, é, 90, 95% por cento é do sexo masculino, então, a gente utilizou essa linguagem esportiva; mais especificamente o futebol. (...) O esporte como ferramenta, né, como linguagem jovem, especialmente do sexo masculino; não que as meninas não jogam futebol, né, mas aqui em nossa região isso é pouco; mais pelo fato de o número de usuários de droga serem muito grande, serem... a maioria serem mais do sexo masculino. Então, nós temos que encontrar uma ferramenta, uma ação ou atividade que alcançasse esses meninos. Então, foi o futebol, no caso que a gente conseguiu fazer isso. É bom lembrar também, Ana, que eu (...) a gente não usa o esporte para tirar ninguém da droga. (...) O futebol, o esporte em si, ele evita, ele previne, não é, que aqueles jovens, eles possam ir para algum tipo de (...) de caminho negativo, né”. (Representante Instituição 1)

“O esporte permite, dentro da sua cultura, o que é, o que eu tenho estudado muito hoje, ele permite o extravasar de algumas coisas que a sociedade não permite. Então, por exemplo, eu posso dar uma pancada mais forte no taekwondo, um chute, no soco eu posso dar uma dar uma falta mais agressiva; num jogo de handball eu posso dar uma porrada; no,,no ataque do voleibol, eu estou descontando muita coisa que eu não conseguiria descontar na sociedade em si e no esporte está tudo bem; está aceito. Então, é meio que um ambiente, também, que permite algumas coisas que precisam ser muito bem gerenciadas, porque se não podem desandar” (Representante Instituição2).

“E o nosso poder é o esporte, vamos dizer assim” (Representante Instituição 3)

“É, embora ninguém seja skatista [dos fundadores] é porque realmente, na época que a gente foi se posicionar enquanto instituição, a gente é entendeu que o skate tinha uma coisa da transgressão... que, que tinha um diálogo muito bom com o público jovem e a gente abraçou essa modalidade para ser nosso, é...nosso carro chefe aqui.” (Representante Instituição 4)”

“E, a partir daí, é que as pessoas acabam, é, se abrindo mais, se expondo mais, porque eu acho que nisso o esporte ele é legal, bem legal, né. Porque ele é capaz de suscitar no indivíduo aspectos que estavam é, ou reprimidos, né, ou retraídos, ou esquecidos, né”. (Representante Instituição 6)

“O esporte tem isso como ferramenta muito forte, né? Como você se vê, e se relaciona; dentro do esporte, você consegue estar relacionando isso com a vida o tempo todo”. (Psicóloga Instituição 9).

A literatura ratifica tais perspectivas. Para os autores Pieri e Amato (2019) e, também, Bernardes, Yamaji e Guedes (2015), o esporte pode ser uma atividade de aprendizagem, diversão e entretenimento, o que promove assim, desenvolvimento prazeroso, lúdico e construtivo. Logo, Pieri e Amato (2019) reforçam, a partir de Erickson e Côté (2016), que, dependendo de como a prática esportiva é conduzida isso pode, de fato, influenciar o desenvolvimento biopsicossocial de seus atletas e praticantes, como um todo, já que a Psicologia do Esporte não se dá apenas no alto-rendimento (RUBIO, 2002). Além dos autores citados, Dias, Cruz e Danish (2001) argumentam que a psicologia pode lançar mão do esporte para, não apenas visar a melhora do rendimento desportivo, mas também das competências de vida. O que, corrobora o que foi identificado na literatura, também, do Esporte para Desenvolvimento.

Em contrapartida, cabe ressaltar que muitos dos relatos trouxeram que o Esporte por si só não gera a transformação e o desenvolvimento, como muito se acredita; porém, que, com as ferramentas adequadas, planejamento e intencionalidade, essa transformação é possível. De modo que isto é atestado pela literatura, ao se contestar a ideia de Esporte como “salvação” (RODRIGUES, 2008; SILVA, 2007) e nas falas dos entrevistados:

“A gente ouve muito por aí, que o esporte é uma excelente ferramenta, né, porque ensina, a, sobretudo a liderança, o trabalho em equipe, é verdade; porém... quando o grupo se organiza para assaltar um banco, não trabalha em equipe? Não tem exercício da liderança? Não tem o respeito as regras daquele grupo? Então, por si só [pausa] e eu tenha assim, ao longo da vida vários exemplos para dar a respeito dessa, dessa, dessa reflexão, entendeu? Para o bem e para o mal.” (Representante Instituição 6).

“Eu acreditava que essas coisas aconteciam por si só. Meio que como se o esporte fosse um a cura do mundo, assim, sabe? Meio aquele dogma religioso, assim, ‘o esporte faz isso’. Eu... e hoje eu brigo muito com os professores, falando ‘não faz’; se não tiver uma boa orientação, bom trabalho, não faz. Vou dar um exemplo. Ah, os valores do esporte. Tá. Mas, você trabalha, olha, sobre resiliência? Ou você cobra que ele aguente, que ele seja firme, que ele...? Se não você vai cobrar... você trabalha, você cobra que ele preste atenção, mas você faz atividades de

atenção com ele? Você fala que ele [o esporte] desenvolve a esperança porque eles, né, o esporte tem isso do jogo, sempre é possível virar, sempre é possível vencer, sempre é possível conquistar... você tem um momento, você trabalha esses valores, esses conceitos com ele? Mas como conceitos mesmo ou você acha que só pelo fato de estar jogando está desenvolvendo isso automaticamente?” (Representante Instituição 2).

Rodrigues (2008) em seu estudo discute que há esse mito, de acordo com a autora, de que o esporte é salvacionista, por si só. E ainda, ela acrescenta que muito do que se faz no esporte das instituições sociais atualmente, tem a ver com a própria percepção do Estado e influência do mesmo sobre o controle da sociedade. Ainda, Hirama e Montagner (2012) trazem, ao analisar projetos sociais desportivos que visam tirar crianças e adolescentes da rua, que o esporte pode sim, ser eficiente como esse atrativo e ferramenta para a formação social como identificamos nas falas dos entrevistados. Entretanto, é preciso continuidade e reflexão sobre como estes projetos são executados e construídos, para que, concluindo os autores “proporcionem aprendizados reais e sejam capazes de mantê-los motivados a continuar no projeto durante sua idade limite” (HIRAMA; MONTAGNER, 2012, p.161).

Desta forma, entende-se que a prática da Psicologia do Esporte em instituições, como relatado pelo Psicólogo da Instituição 7:

“Ela é muito pautada para o nosso olhar crítico da psicologia; que olhar [ele] é muito crítico, e a gente tem que estar muito atento porque a gente percebe que... alguns gestores não conseguem enxergar algumas coisas como a gente, que vem da psicologia e está mais inserido nas práticas no dia a dia, consegue enxergar. E a gente tem que chamar atenção para algumas coisas se não essas coisas ficam esquecidas.” (Psicólogo da Instituição 7).

E, contribuindo para isso, o gestor da Instituição 2 acrescenta que, em sua perspectiva, a Psicologia “(...) vem no sentido de jogar luz, jogar consciência, pra que esse desenvolvimento ocorra de uma forma mais sistemática, mais atenta.” (Representante da Instituição 2).

Os relatos aqui apresentados mostram, por sua vez, que os próprios gestores – 5 deles advindos da própria Educação Física, área acadêmica e prática que é inteiramente dedicada ao esporte – e psicólogos não mais veem o esporte como salvacionista. Entretanto, entendem que este, ao ser praticado e experienciado de maneira crítica, intencional, planejada e reflexiva, para além do entretenimento, pode, sim, gerar transformação social – mesmo que em um grupo específico. Logo, entendemos que o esporte é uma potência que precisa ser bem administrada e a prática da psicologia nessa área, assim como em todas as outras, não pode se desvincular da

atuação crítica e intencional; independentemente de ocorrer na ponta, diretamente com o público-alvo, ou na relação com a equipe e a instituição.

5.3 Benefícios, Desafios e Dificuldades da Relação entre Psicologia do Esporte e Esporte para Desenvolvimento

O aspecto aqui descrito e discutido trata do objetivo específico que visou identificar os benefícios, desafios e dificuldades na relação entre a Psicologia do Esporte e Esporte para Desenvolvimento. Tais relatos foram destacados, principalmente, porém não exclusivamente, pelas perguntas 10 e 11 de ambos os questionários, onde surgiram os temas destacados no quadro abaixo (QUADRO 4); e, também, nas falas destacadas posteriormente. Constatou-se, ainda, que tais percepções foram, normalmente, relativas à manutenção das instituições e serviços e não, exclusivamente, da incorporação da psicologia do esporte na área.

Quadro 4. Benefícios, Desafios e Dificuldades Mais Frequentes - Gestores.

	Gestores
Benefícios	<p>“Relações sociais”;</p> <p>“Cases de ‘sucesso’”;</p> <p>Satisfação pessoal;</p> <p>“Reencontros, ver o outro mudar”;</p> <p>“Presença/participação dos jovens”; “Desenvolvimento- ver crianças lerem”;</p> <p>“Alcance de necessidades básicas como pertencimento e senso de competência”; “Melhora no cuidado com a saúde e novas perspectivas de vida”;</p> <p>“Facilitação para abordar temas relevantes”; “Facilitar o acesso a direitos constitucionais”;</p> <p>“Ver as pessoas crescerem”.</p>
	<p>“[falta de] Investimento real no esporte”;</p> <p>“Recursos humanos”; “Pandemia” “Funcionamento na pandemia”; “Público-alvo sem acesso à internet”;</p> <p>“Recursos financeiros”; “Recurso financeiro dos alunos”;</p>

Desafios/Dificuldades	<p>“Contexto Social”; “Relacionamento com parceiros”;</p> <p>“Alimentação das crianças em dia de evento fora”;</p> <p>“Psicólogos voluntários”;</p> <p>“Mensuração do desenvolvimento”; “Estrutural [sistema público]”;</p> <p>“Estrutura física”; “Capacitação”; “Material”; “Estrutura humana”; “Relação com poder público”;</p> <p>“Impossibilidade de dedicação exclusiva”; “tempo disponível para se dedicar”; “Políticas públicas”;</p> <p>“Pessoas”; “Sistema”; “Tempo”; “Financiamento a longo prazo”; “Falta de apoio, má vontade [das pessoas]”;</p> <p>“Indiferença”; “Ideologias”; “Trabalho em Rede”.</p>
------------------------------	--

Quadro 5. Benefícios, Desafios e Dificuldades Mais Frequentes – Psicólogos(as).

	Psicólogos(as)
Benefícios	<p>“Ver o resultado [do trabalho]”;</p> <p>“Impacto na vida das pessoas”; “Participar do desenvolvimento”;</p> <p>“Oportunidade de falar sobre Saúde Mental”.</p>
Desafios/Dificuldades	<p>“Pessoas quererem o serviço, mas o sistema ser faltoso”;</p> <p>“Desconhecimento do trabalho Psicologia”</p> <p>“Resistência ao trabalho”;</p> <p>“Pouca presença do Psi na área”; “Consistência na atuação”; “Oportunidades de trabalho”; “Relação com a Instituição”;</p> <p>“Tempo”; “Pandemia”;</p> <p>Falta de valorização da profissão”;</p> <p>“Plantar a semente de um modo eficaz”.</p>

A partir dos quadros (4 e 5) apresentados, que destacam os benefícios, desafios e dificuldades segundo os gestores e psicólogos(as), entende-se que algumas das maiores dificuldades e desafios na área de Psicologia do Esporte e Esporte para Desenvolvimento são a falta de recursos financeiros; recursos humanos, tanto no sentido de capacitação para trabalho como em relação a indiferença e “má-vontade” das pessoas envolvidas; recursos materiais; tempo; a própria desestrutura do sistema público, social e político, além da falta de valorização, oportunidade e resistência a psicologia; e, por outro lado, na perspectiva de um dos gestores, falta de psicólogos que atuem como voluntários, apesar destes serem encontrados em outras instituições entrevistadas; bem como a dificuldade e o desafio de mensurar se o desenvolvimento e a prática estão sendo, de fato, efetivos e eficazes.

Se pudéssemos resumir e englobar as dificuldades e desafios apresentados em dois grandes pontos, estes seriam: recursos humanos e recursos financeiros. Um dos entrevistados, por exemplo, comunicou que, caso tivessem a possibilidade de remunerar seus profissionais, contratariam psicólogos para equipe, como afirma o gestor da Instituição 1: *“Se nós tivéssemos hoje um orçamento, teríamos um profissional da área com certeza.” (Representante Instituição 1)*. Para além da equipe, a falta de recurso financeiro tanto das instituições quanto do público-alvo, afeta a possibilidade de ir a eventos desportivos, a compra de material para a prática, a possibilidade de alimentação dessas crianças e adolescentes em eventos externos, a estrutura em si da instituição e até mesmo o sustento da mesma.

Nesse sentido, como forma de sustento, todas as instituições entrevistadas captam recursos financeiros advindos de patrocínios, doações e das Lei de Incentivo. Dentro do escopo de patrocínios e doações, este varia, também, de acordo com o tamanho e alcance da própria instituição. Algumas das mesmas possuem patrocínios de empresas ou outras instituições maiores e mais renomadas, enquanto algumas ainda possuem níveis menores de patrocínio. E, principalmente, muito do trabalho de gestão feito pelas instituições é voluntariado, o que pode ser visto nos seguintes depoimentos:

“Então, o trabalho nosso como gestor, eu e os outros coordenadores, e o presidente, vice-presidente, tesoureiro, secretário, é, somos voluntários. Então, o trabalho é gratuito, pela força de vontade nossa. Algumas coisas, nós também fazemos uma graninha, um rateio, do bolso de cada um para pagar alguns documentos, como reconhecimento de firma, cópias,

documentação para protocolar algumas coisas. Aí boa parte é, são parcerias. Então, por exemplo, tem um clube que o que paga o treinador, um dos treinadores do taekwondo; a Secretaria de esportes, que cede 4 professores de voleibol e 2 professores de handball. (...) Nós tínhamos 36 planos de saúde, que nós ganhávamos para os atletas, mas de ponta, assim, da Unimed, daqui de Rio Claro. Então, isso é parceria, não é dinheiro, eles doam. Nós temos bolsa na faculdade aqui. Nós temos 50% por ser atleta que representa a cidade; então, Secretaria consegue 50% e o restante, a gente consegue pela parceria direta do instituto com a universidade.” (Representação Instituição 2).

“Na época, a gente também não tinha experiência nenhuma, a gente era voluntário fazendo trabalho porque a gente queria fazer e mudar, mas, aí foi quando eu percebi que o presidente, ele falou ‘cara, a gente tem que profissionalizar isso, porque voluntário não dá não’; e aí, a gente começou a profissionalizar. Até hoje, a gente só tem utilizado recursos, não tem só utilizado, mas assim, a gente tem focado muito na, na Lei de Incentivo, que a gente já tem experiência. Mas foi como eu falei, veio a FIFA, aí vem, vem assim....aí existem outras fontes, é...é tudo em cima de edital, né. A gente não procura empresa diretamente. Aí eu participo da...da Associação Brasileira dos Captadores de Recursos, enfim, aí eu já comecei a me inserir nesse universo de captação de recurso; então, recebo edital de tudo que é rede, que as redes funcionam assim, a REMS mesmo manda um monte de edital, e aí a gente, vai, né, selecionando, aqueles que a gente pode.” (Representante Instituição 6).

“É, é tudo lei de incentivo. Pela lei das leis de incentivo. mas a gente... como a gente se insere em muitas leis de incentivo é a gente consegue ter essa estrutura maior. então a gente tem vários projetos em várias cidades.” (Psicólogo Instituição 7).

*Eu costumo dizer que a gente se mantém através de milagre. (...)Primeiro, o aluguel da sede. Ela é paga, por incrível, que pareça pela diretoria da associação, pela diretoria, né; um dá um valor, outro dá outro valor e a gente aqui, quando falta, eu completo. Esse é o nosso... a nossa situação atual da sede, do aluguel né, referente a transporte, por exemplo, porque nós temos saídas pedagógicas, como já falei, eventos esportivos, a gente faz... precisa sair e, graças a Deus, hoje nós temos a ** Turismo. (...) . E aí, foi quando a gente voltou.... chamamos a diretoria, os amigos para cooperar com aluguel, com internet... associação tem que ter internet, né? E aí, a gente, a gente se sustenta através disso. Hoje, os meninos têm uniforme novo de jogo, já que nós também somos a parte esportiva, o outro colega nosso doou; aliás,*

*não foi nem ele, ele conhecia um amigo dele, é, em Recife, a **despachante de veículos (Representante Instituição 1).*

“Na verdade, assim, a gente vive de projetos de lei de incentivo. É então, todas as ações ela tem um escopo só que isso não significa que isso gera receita para instituição, na maioria das vezes inclusive dá prejuízo porque por melhor que seja o planejamento na hora que você vai a campo para a execução da política, é, a implementação é uma hora que você vai ver tipo coisas. É... você vai se deparar com um imprevisível né. e aí imprevisível na área da que a gente mexe, é, despesa financeira então a gente acaba assumindo isso.” (Representante Instituição 4).

“Para entender melhor, é, a gente sempre... na atuação no final de semana, é voluntário. Eu, voluntário; P., voluntário, tudo bonitinho. Só que chega o momento que a gente entende que, “opa!”, dá para viver com isso né? Dá para viver disso também, viver para isso; se a gente, não, se a gente já vive para o projeto porque não fazer isso do... do trabalho, algo que a gente, a gente gosta né? Então a gente entendeu a importância da documentação, de legalizar tudo bonitinho, é, tirar os certificados; logo mais a gente correr atrás da lei do incentivo é, parcerias direta, patrocínio direto, indireto e por aí vai”. (Representante Instituição 5)

“Exatamente assim, por o patrocínio. A gente trabalha através de, daquela lei de incentivo ao esporte. É, então tem uma, uma área de captação que é fantástica. A gente tem mais de 100 empresas parceiras. É, isso.. É muito maravilhoso. Tem um fato de a gente ter um ex-atleta, né, apresentador.” (Psicóloga Instituição 8).

“Tudo isso. Patrocínio, doação. A gente tem um..., um departamento, né, de fato, que.. que lida com isso, (...).que não é o departamento financeiro de fato é... Tem um nome específico, que lidam com a questão de outras instituições, né, pois a gente tem patrocínio da Petrobras, tem, né, é... muito parceiro, então... se inscreve em edital... o Destemidas está inscrito no edital do Ministério do esporte; então, assim onde tem uma possibilidade de estar arrecadando dinheiro e tudo... a gente tem desde de, também, doações pessoais, né, na pandemia a gente levantou em doações abertas mesmo, né?” (Psicóloga Instituição 9).

Considerando que todas as instituições arrecadam recursos, embora em diferentes quantidades, vale questionar como, ainda assim elas apresentaram recursos financeiros como a maior dificuldade, com exceção da Instituição 5 e 3. Entende-se que o contexto socioeconômico

e político, acentuado pela própria estrutura do sistema e, atualmente, pela pandemia da COVID-19, que também foi mencionada pelos participantes, dificulta a captação e utilização desses recursos. Destaca-se a Lei do Incentivo ao Esporte (LIE), Lei nº 11.438/06, que foi amplamente citada, também conhecida como LIE, permite:

“que recursos provenientes de renúncia fiscal sejam aplicados em projetos das diversas manifestações desportivas e paradesportivas distribuídos por todo o território nacional. Por meio de doações e patrocínios, os projetos executados via Lei de Incentivo ao Esporte atendem crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, além de garantir o suporte necessário para que aos atletas de alto rendimento possam participar e representar o Brasil em competições nacionais e internacionais.” (BRASIL, 2006).

Para Diniz, Oliveira e Silva (2021), a LIE tem trazido grandes benefícios financeiros para as produções desportivas nos seus diversos âmbitos. Inicialmente, ela estaria limitada até 2015, e posteriormente foi estendida até 2022. Em janeiro de 2022, no entanto, ela teve seu período de atuação novamente prorrogado e, atualmente, está em trâmites de caráter conclusivo (SIQUEIRA, 2022). Entretanto, os autores concluem que:

“toda intervenção estatal na realidade social almeja romper com um estado de problema, que produza prejuízo a sociedade como um todo ou a grupo específicos de pressão. Ao verificar o texto da Lei de Incentivo ao Esporte (Lei n.º 11.438/2006), no sítio eletrônico do programa, não identificamos de forma explícita quais seus objetivos ou problemas sociais que busca resolver durante a sua vigência.” (DINIZ; OLIVEIRA; SILVA, 2021, p.201).

Portanto, mesmo com toda a contribuição que a Lei do Incentivo ao Esporte, e outras Leis do incentivo, trazem, a dificuldade financeira e a própria desestrutura do poder público e de seu sistema se mostram, de fato, um agravante significativo para o funcionamento dos projetos sociais desportivos e do esporte para desenvolvimento e, conseqüentemente, para a prática da psicologia realizada neste campo. Pois, considerando que o próprio poder público, constitucionalmente, deveria garantir meios de desenvolvimento e de esporte (BRASIL, 1988) para todos, corrobora-se pela fala dos entrevistados e pela própria literatura que o sistema é faltoso.

Também como dificuldade descrita pelos profissionais entrevistados, os recursos humanos se mostram como empecilho. Nesse sentido, o gestor da Instituição 5 contou que:

“Até o ano passado tínhamos 2 escolas, mais essa quadra. Com a pandemia, por muita infelicidade, trocou nas direções das duas escolas também O que aconteceu? Vai fazer quase 2 anos, trocou a diretoria e nós não voltamos para escola ainda. A diretora: ‘ah, mas

protocolo... ah, mas é... ah, mas é aquilo...ah, mas não sei o que' e eu só preciso de um portão aberto e de um espaço; só. A gente estava com um curso pré-vestibular, esse ano seria o quarto ano do curso pré-vestibular... temos 4 alunos de curso pré-vestibular que dois desistiram. E aí essa escola, com 18 salas de aula fechadas. Sério? Não era para diretora olhar para o nosso lado fala assim: 'meu, o que que vocês podem oferecer para gente? Vem, imbica, entra'. Não. 'Ah, não dá, não pode, o sistema não sei o que... o sistema isso, o sistema aquilo' e eu: 'sério?' Então, dinheiro é importante, é necessário, né; mas eu vou falar para você, para mim é isso, sabe?''.

Por sua vez, o Representante da Instituição 6 também traz que: *“Esse é o principal desafio: é a arrogância e a prepotência que impera o nosso meio. Esse é o principal desafio, a indiferença, né, às vezes chega a ser até cruel. Acho que esse é o principal desafio, porque isso até é fruto, de uma construção de uma sociedade, que ela é individualista, materialista, né, do visa o capital, que a gente tá falando do esporte, né.”*

A Representante da Instituição 3 acrescenta que: “Outro desafio é...montar equipes né. acho que montar equipes que tem uma afinidade com, com a nossa filosofia, com nosso modelo de trabalho, é... é também um desafio”.

A partir dos relatos apresentados vemos, novamente, que o sistema e a sociedade configuram uma dificuldade de grande magnitude para o grupo pesquisado. Rodrigues (2008) argumenta que muitos dos projetos sociais desportivos também funcionam como meio de controle social. Ou seja, muitas das vezes, o mesmo sistema que fornece meios para transformações sociais através do esporte, como exemplificado anteriormente pelas Leis do Incentivo do Esporte, é também o sistema estrutural e ideológico, como dito pelos entrevistados, que dificulta o funcionamento e execução das mudanças sociais necessárias; justamente por não permitir – de maneira velada – mudanças significativas que contrariem ou rompam com o controle e estrutura social predominantes.

Ainda, a capacitação, oportunidades e resistência aos profissionais da psicologia trazida como desafio. Embora uma área com 60 anos de presença oficializada no país, ainda encontram-se estereótipos de como nosso trabalho se dá e que ele, muitas das vezes, é visto para um grupo específico, como relata a Psicóloga da Instituição 9: *“No esporte, em geral, hoje, é, a gente vem de uma forma também ainda tentando conquistar, tentando não, conseguindo, conquistar muito espaço, né, (...) dessa importância de olhar para a psicologia, também, como*

uma forma de cuidado, né, e é um desafio enorme falar de saúde mental também dentro do alto rendimento, que é outra, outra história. Então, eu acho que a dificuldade é... é você pegar, é você olhar para a profissão de cuidado, né, a gente tem uma dificuldade imensa de valorizar uma profissão de cuidado.” A literatura corrobora historicamente como a Psicologia teve contradições sobre sua ciência e, atualmente, muito ainda se é visto como uma área de patologia e disciplina (RIBEIRO, 2019).

E, segundo os relatos dos participantes, isso ainda é um processo, como compartilhou a Psicóloga da Instituição 8: *“Mas assim, é, é muito curioso tá, porque eu cheguei aqui e eles nunca tinham tido uma psicóloga; eles já tinham tido 2 coaches, mas nunca tinham tido uma psicóloga. Então, é tinha uma expectativa de, “ah, você vai botar a gente para fazer meta, para fazer desempenho...” Eles chegavam com coisas assim, anotadinhas.... é, eu não sei se eu falei, eu sou Gestalt Terapeuta, né? É a loucura da Gestalt me apareceu naquela hora, minha vontade, era rasgar as listas [internet travou]. É, então, o primeiro passo foi um trabalho de psicoeducação. é difícil, demorou; até hoje, precisa.”* Para Ribeiro (2019), o histórico da psicologia do esporte no futebol, por exemplo, era de “consertar o atleta” que fez algo “errado”. Essa resistência e estereótipos, para o autor, foram difíceis de desvincular do local onde atuava. Embora, o autor conclua em seu relato que é possível realizar a Psicologia do Esporte, não apenas no futebol, mas em todas as áreas que se configuram como espaço de atuação destes.

Por fim, vale ressaltar as dificuldades de mensuração do desenvolvimento trazido por representantes de duas instituições (2 e 3) e, também, por um psicólogo (Instituição 7). Entende-se que o desenvolvimento é uma condição longitudinal e atravessada por diversas vertentes e aspectos, como vimos no referencial teórico. Por isso, de fato, há a necessidade de mensuração desse impacto do esporte e da psicologia do Esporte no desenvolvimento, para corroborar a efetividade do mesmo, entretanto, esta é uma dificuldade cuja solução também se encontra em desenvolvimento e em estudo acadêmico, inclusive citado pela própria representante da instituição 3: *“É, o quanto, de fato, é, isso é mensurável... e aí esse é um outro desafio, né, da área. Como que a gente mensura esse desenvolvimento, né? E mensuração de impacto, por exemplo, é de longe o maior desafio das organizações, né. Porque é uma coisa cara de fazer, não tem equipe qualificada para fazer, é, está sempre para depois. As pessoas não sabem nem o que é impacto...Confundem impacto com o resultado....Então assim, depois de dinheiro, talvez seja o grande desafio.”*

A partir da fala da participante e, também, da pouca literatura que se encontra sobre esporte para desenvolvimento – que a própria participante comentou, devido a fazer pesquisas na área, em um momento após a entrevista – entende-se que esta é uma área em ascensão e que precisa ser enfocada e estudada de maneira aprofundada. Vemos, então, que existem inúmeras dificuldades e desafios na área do Esporte para Desenvolvimento, tanto para gestores como para psicólogos. Todavia, não existem apenas as dificuldades.

Ao serem questionados sobre os benefícios da relação e do envolvimento no Esporte para Desenvolvimento, todos os participantes citaram que ver e participar do desenvolvimento de pessoas, e os vínculos criados a partir disso são mais que satisfatórios. Podemos constatar isso por meio das seguintes falas:

“Eu vou dizer assim, uma satisfação num fato específico, um fato bem específico. Uma vez eu tava, andando na rua, no centro da cidade, na rua São José, isso há anos atrás, veio um cara, bateu nas minhas costas, e falou assim: ‘oi, tio, lembra de mim?’ eu não lembrava, claro. ‘ah é, lá do DEGASE, pô tô feliz da vida, tô trabalhando aqui, acabei de me casar, vou ter um filho’. Você quer mais alegria e felicidade do que essa? Eu acho que isso é o resumo, fica meio definido aí, quais são os benefícios. Para mim, é esse.” (Representante Instituição 6).

“Bom, para mim o esporte ele impacta a pessoa em diversas formas. Ele pega o ser humano ali nas necessidades básicas, por exemplo, como sentimento, a necessidade de pertencimento. Então, eu passo a fazer parte de uma entidade, eu passo a fazer parte de um esporte, de um grupo, então eu tenho um papel social, é, importante. Às vezes, e a gente trabalha muito isso, às vezes, o aluno, a menina, ele não é bom naquela modalidade, ele não vai evoluir para um jogador, muito menos... depois de... um jogador, um atleta, ele não vai ser a pessoa de expressão. Mas ele tem um papel importante ali; ele, ele tem uma liderança; ele ajuda, ele é útil. Então isso é muito, a gente percebe muito isso. Outro espaço, outra situação que o esporte pega numa necessidade humana ali, importante, que são necessidade de ser competente, as competências. Então, você consegue mostrar para ele que ele consegue superar coisas e conquistar coisas; então, “eu não conseguia chutar, não conseguia arremessar”, de repente ele consegue. Então, aquilo é um fator que vai... ele vai interiorizando”. (Representante Instituição 2).

“Benefício é quando você vê o resultado acontecer, porque muitas vezes a gente não vai ver. E quando você consegue ver por exemplo você vê que um ex-aluno seu, é, está entrando

para o mercado de trabalho de um de alguma forma está entrando numa faculdade. Tá de repente levando aquilo que você ensinou pra frente, É de fato a maior realização, assim, sabe? É a maior realização.” (Psicólogo Instituição 7).

“Então, se o futebol, se o esporte ele se identifica, eles vão se esforçar para fazer uma boa prova, estudar mais porque eles querem continuar aqui, entende? Então, a minha satisfação é essa e a minha satisfação maior, né, quando eu vejo, quando eu via, mas vamos voltar a ver... menino pegando no livro, entende? Lendo. Debatendo sobre aquele tema, sobre aquela história”. (Representante Instituição 1)

“Então eu acho que o benefício é tentar, é realmente levar o direito daqueles que não têm direito e aí a partir disso amenizar um pouco desigualdades que a gente tem no país sabe?”. (Representante Instituição 4)

“Ver minhas crianças crescerem. Ver...o moleque começar aqui com 11 anos e hoje está fazendo faculdade. Ver o moleque começar com 13, hoje é vice-presidente do projeto. Uma menina que a mãe deu “n” dificuldades, hoje está num super profissional. Tá fazendo sua faculdade... é, passou um aperto no ano passado, mas agora, pô, está comendo do bom e do melhor, está treinando, jogadora profissional, tem no currículo dela... viajou de avião semana passada me mandou mensagem “tio M;, tô me sentindo chique, tô num hotel que tá um luxo”. É isso. Eu estou aqui, mas estou... eu estou vivendo que eles estão vivendo” (Representante Instituição 5).

Dentro do contexto do alto-rendimento, no qual a psicóloga da instituição 8 trabalha, embora a instituição não se limite a esse contexto, vale relatar o que a profissional trouxe como benefício, pois se encaixa no tema trazido pelos outros participantes: *“Porque quando eu mandei mensagem pra ela, eu falei “J., e aí, como é que você tá?”. Ela, “Psi, só conseguia lembrar de você. Obrigada”. E aí ela, “cara, porque eu vim, vim com medo, é medo de me machucar. Vim com medo de não conseguir. Mas cara, eu botei meu kimono, tudo mais, não sei o quê. Lembrei de tudo que o judô me deu. E...e lutei por gratidão a tudo isso, sabe? Lutei leve. Lutei me divertindo, eu fiz o que eu queria fazer.”.*

E, para a Psicóloga da Instituição 9: *“Ah, o benefício é o que está inserido na realidade daquele que está vivendo. É, eu acho que é exatamente a linguagem, a comunicação. Quando você vem falar de um lugar onde o outro tem acesso, onde o que ele vive é o que faz sentido, então, a gente pode discutir de, a psicologia de forma mais democrática, né. Então, eu acho*

que o esporte tem essa particularidade, assim, que para mim é uma... uma grande chave de ouro, né.(...). Então, acho que o maior benefício quando a gente usa psicologia e esporte, é porque o esporte está, de fato, muito mais inserido na nossa cultura, né; o que a gente já tem de relação com o esporte, com atividade física, do que a gente já é incentivado um pouco [quando] criança e tudo. Então. se a gente une aquilo que está no nosso dia a dia, que culturalmente é algo que é incentivado, que é colocado, tudo, para trazer um contexto de... de, de cuidado imenso com a saúde mental e emocional, eu acho que é o...o casamento perfeito, assim. Eu acho que é a junção perfeita, é, para, de fato, a gente difundir... a gente falar sobre cuidado.”.

Tendo por base os relatos destacados, compreende-se e analisa-se que, apesar das diversas dificuldades apresentadas e discutidas anteriormente, a maior satisfação e, quiçá o que mantém esses profissionais na área, é ver o desenvolvimento de pessoas. É ver e viabilizar o desenvolvimento humano por meio do esporte que, também, é um direito constitucional, como dito pelo representante da Instituição 4 e descrito na Constituição de 1988 (BRASIL, 1988). Como supracitado, a própria Psicologia visa acolher e facilitar caminhos para os seres humanos, suas relações e as instituições onde estamos inseridos e, mesmo que, na maioria das vezes, esse alcance se dê apenas em um nível micro, isso é o suficiente para gerar satisfação, haja vista os depoimentos apresentados.

Na literatura, para Garcia e Zaremba (2017, p.88-89), é o mais nobre dos objetivos no trabalho da psicologia nesse contexto “formar jovens vencedores não apenas no esporte, mas também, e principalmente, na vida”. Pieri e Amato (2019) acrescentam que o esporte é uma ferramenta de agregar valores e autoconhecimento e, ainda, o autor descreve três casos de impacto positivo de como o esporte alcançou a vida de jovens em situação de vulnerabilidade social que, apesar de não necessariamente seguirem pelo alto-rendimento, tiveram suas vidas ressignificadas e transformadas (PIERI; AMATO, 2019).

Para concluir a análise destes aspectos, também determinados como objetivos específicos desta pesquisa, entende-se como dificuldades e desafios os recurso financeiros, o sistema sociopolítico desestruturado; recursos humanos no sentido da capacitação e da indiferença das pessoas; assim como a falta de recursos materiais e estruturais. Em contrapartida, a satisfação de gerar, possibilitar e garantir, minimante, desenvolvimento, acolhimento, saúde mental, educação e cultura para os públicos atendidos pesa tanto quanto,

senão mais, do que as dificuldades; compreendendo-se, assim, a relevância de realizar este trabalho e estar neste espaço da Psicologia do Esporte e Esporte para Desenvolvimento.

5.4 Trabalho em Rede

Durante a análise dos dados, outro aspecto mostrou-se relevante para a prática da Psicologia do Esporte em instituições esportivas com foco social: o trabalho em rede, ou seja, interdisciplinar ou multidisciplinar. Das organizações entrevistadas, 7 relataram como extremamente importante o trabalho da psicologia do esporte realizado juntamente com outras áreas como assistência social, pedagogia e nutrição, por exemplo. Outras 2 trouxeram o assunto de maneira indireta, ao mencionar o vínculo com escolas locais.

A literatura também enfatiza esse aspecto, de modo que se considerou necessário acrescentar um tópico sobre este assunto, apesar de não constar como objetivo direto da pesquisa. Assim, descrevemos e analisamos aqui relatos dos participantes sobre o trabalho em conjunto entre diferentes áreas e como a literatura discute essa relação, advindos de diversas perguntas das entrevistas.

Para o representante da Instituição 1, por exemplo: *“Esse trabalho que nós fazemos na nossa associação é um... é um, é multidisciplinar, não é, é... são vários profissionais, não é só um pedagogo, não é... não é só o educador físico, mas são pessoas que vão agregar para o futuro desses jovens, né, e da família”*. A representante da Instituição 3 destacou que possui em sua equipe diferentes formações profissionais ao relatar que: *“A gente tem equipe multidisciplinar, né. Então, temos psicóloga, temos assistente social, os professores, estagiários de educação física. É, então a gente consegue, é, junto com esse time acompanhar mais de perto as meninas, as famílias, fazer visitas comunitárias; é, fazer uma aproximação com os postos de saúde, né, com... com os equipamentos de... de saúde da mulher, enfim. É, a gente consegue dialogar com equipamentos públicos que estão nos territórios.”* (Representante instituição 3).

Também reforçando a presença de outros profissionais e como isso se dá na prática, o representante da Instituição 6 compartilhou: *“A equipe da, do Projeto Esporte Legal, ele tem um professor de educação física, um psicólogo e uma assistente social e que trabalham juntos; não é um professor na quadra, um psicólogo; [faz gestos como se eles tivessem em direção oposta]. As atividades, seja na quadra, seja numa sala de aula, seja numa atividade externa, os três sempre estão presentes juntos. Tem que ser um trabalho, um pensamento coletivo, de*

construção coletiva.” Posteriormente na entrevista, o representante acrescentou que: “E aqui, por isso que eu falo, não é...não consigo ver de maneira cartesiana, não existe, né. ‘Ah, o cara do assistente social vai resolver esse problema’, não, não vai. Ele vai... ele tem ferramentas para poder trazer, entender, e alimentar e retroalimentar o processo. O psicólogo tem a sua ferramenta de percepção e o cara da educação física tem outra, daí a gente consegue trabalhar, né, é, conjuntamente, entendeu? (...) Porque ninguém sabe tudo, né, também não sabe nada. Cada um tem sua experiência, tem sua forma de ver, sua forma de contribuir e interagir.”

A instituição 9 também conta com uma equipe multidisciplinar, conforme descreve a Psicóloga que participou da entrevista: *“É um projeto que a gente tem assistente social, tem a psicóloga, tem nutricionista, agora vamos ter fisioterapeuta...É, tem a treinadora física, tem educadora física, é um..., é um projeto privilegiado, assim, de um suporte, né. E a gente sempre tenta trabalhar muito em conjunto. É, pensando nessa... nessa faceta multidisciplinar, para poder de fato atuar com a ferramenta do esporte.” (Psicóloga Instituição 9).*

Por sua vez, o representante da Instituição 4 e o Psicólogo da Instituição 7 enfatizaram o trabalho em equipe, multidisciplinar, ao trazer respectivamente, que: *“A gente lida com direitos sociais que são é... a gente lida com vidas, né, que são, o que eu vou dizer, são...interdisciplinares, né. Assim, você não consegue olhar, tipo, a pessoa só por ...uma faceta. Então, quanto mais diversa a equipe, acho que mais isso agrega valor para nossa, para nossa formação interna; até para nossa equipe”.* (Representante Instituição 4).

“Não é minha atuação que chega em resultado, mas acho que é da equipe; tem o educador da equipe, do QG que proporciona as condições para que o educador trabalhe... a gente está junto dando suporte, dando apoio. Então assim, é uma equipe”. (Psicólogo Instituição 7).

As Instituições 2 e 5 não mencionaram, diretamente, o trabalho com outros profissionais. Entretanto, em suas falas houveram relatos de parceria com escolas (Instituição 5), o que configura uma interação – ou tentativa de – com a pedagogia e educação; e com a Secretaria de Esporte (Instituição 2). A partir disso, entende-se que, seja direta ou indiretamente, o trabalho multidisciplinar comprovou ser fundamental para que a prática do Psicólogo do Esporte no âmbito do Esporte para Desenvolvimento. A literatura também confirma esse dado.

Camilo (2019) traz que o campo desportivo é composto por múltiplas dimensões, que, conseqüentemente, são abarcadas por diferentes disciplinas. Como afirmado por Rubio (1999) e Pesca e Cruz (2019) a Psicologia do Esporte é considerada uma das chamadas Ciências do Esporte, dentre outras como fisiologia, antropologia, sociologia, anatomia, nutrição, psicometria, biomecânica, psicologia social, cinesiologia e mais. Por isso, as relações multidisciplinares são fundamentais para essa atuação.

Conceitualmente, há diferença entre os termos multidisciplinar e interdisciplinar. O primeiro, possui suas fronteiras de conhecimento mais delimitadas, de modo que suas disciplinas possuem um objetivo comum, mas tem bases distintas. Em contrapartida, as fronteiras do segundo são mais flexíveis, com os mesmos objetivos, porém sem perder a identidade de cada uma (PESCA; CRUZ, 2019). Para fins desta pesquisa, consideraremos os dois conceitos como importantes e sendo realizados na prática, pois não foi nosso alvo diferenciar o assunto, apenas corroborar o quão fundamental é a troca entre disciplinas.

Dessa forma, a partir das falas dos entrevistados, vemos que a presença de assistência social, pedagogia, educação física e outras disciplinas são, de fato, essenciais para o trabalho aqui analisado. Pieri e Amato (2019) relatam em seus casos que houve trabalho multidisciplinar justamente da educação física, pedagogia, assistência social e psicologia para que pudesse ser oferecido ao sujeito acompanhado, no referido caso, pudesse desenvolver seu talento e personalidade, através, também, da prática esportiva que exercia.

Logo, compreendemos que, apesar de essa troca entre disciplinas ainda apresentar obstáculos e resistências ao ser experienciada e precisar manejar certas hierarquizações às quais algumas áreas são atribuídas (PESCA; CRUZ, 2019), ela é natural e intrínseca para a área desportiva. Portanto, cabe também, ao Psicólogo do Esporte, buscar maneiras de consolidar este trabalho em equipe como os entrevistados relataram. Vale também considerar que o trabalho multidisciplinar ou interdisciplinar é uma constante construção. E, como afirmou o representante da Instituição 4, por exemplo, seres humanos são multifacetados, ou biopsicossociais, como a própria Psicologia atesta. O que nos leva, enfim, a precisar de diferentes ângulos para atender os sujeitos alcançados pela Psicologia do Esporte que trabalha com Esporte para Desenvolvimento.

5.5 A Prática entre Psicologia do Esporte e Esporte para Desenvolvimento

A partir dos tópicos aqui relacionados – desde a prática da Psicologia do Esporte em instituições sociais desportivas até o trabalho em rede – percebemos que muitos são os pontos que contribuem para essa integração entre Psicologia do Esporte e Esporte para Desenvolvimento. Ao serem questionados se essa prática e integração entre Psicologia do Esporte e Esporte para Desenvolvimento ser possível, os entrevistados responderam que:

“E depois de tanto tempo assim, eu... depois de tanto tempo que eu entrei nesse meio, né. Eu entrei para trabalhar porque eu vi muita verdade no que eu li ali e eu consigo enxergar muitos resultados na... não na minha atuação, acho que na atuação em conjunto ali, da equipe sabe?” (Psicólogo Instituição 7)

O representante da Instituição 4 levantou aspectos como não só a integração ser possível, mas que também é necessário um trabalho e conexão com o serviço público, descrito na fala a seguir:

“Acredito. Só que, é eu acho que ela não se dá de forma espontânea, sabe? Eu acho que você precisa de instituições que garantam que isso aconteça, sabe? Que é muito esse, esse exemplo que eu acabei de te falar, sabe. A gente realmente deu oportunidade, só que só dá oportunidade não, não garantia o sucesso daquela pessoa no, no estágio, sabe? porque ela precisa que as instituições... É, e aí, instituição aqui eu não estou falando de instituições é... estrutura, sabe, igual a gente aqui é uma associação. Eu tô falando de instituições...é, pilares mesmo, sabe? Que deem suporte para que... para que isso aconteça, sabe. Então, tipo assim, a gente enquanto é, sei lá, a gente agindo na, na parte mais esportiva, assim, precisa muito da escola, sabe? Precisa muito do posto de saúde, precisa muito do um CRAS, mas que, que isso tem que ser mais integrado, tem que ser um diálogo (...). Então, eu acredito muito que isso é possível, mas que você precisa de um cenário, de um...um...é, um cenário oportuno para que isso funcione de forma real porque se não, tipo assim, você vai ficar realmente no “case”, no...contando...no contando o caso de um, de um outro que foi realmente sucesso, mas no caminho você perde vários (Representante Instituição 4)”

A Psicóloga da Instituição 8, ressalta que o alto-rendimento também precisa ter esse olhar para o todo, integrando a prática psicológica na área com o próprio desenvolvimento:

“Plenamente. Acredito nisso. Tanto que trabalho assim desde 2014. É, eu brinco que eu sou psicóloga do alto rendimento fajuta, tá? Porque, no momento que o negócio apertar, é, assim a tua carreira como atleta é muito curta, né assim, você não tem... quantos J. nós temos, quantos J. vão sair daqui, né. Não são... a gente sabe que não são muitos. Se é um, são 2, são 3. É, carreira do atleta é muito curta, então que ele aprende [ou pretende] no esporte precisa ser além da quadra, precisa ser além da piscina, precisa ser além do tatame. É, e quando eles aprendem isso... facilita de uma forma, assim... e eles enxergam isso lá na frente... Acho que é o que o que gira a chave para eles serem melhores seres humanos, melhores atletas; melhores, né, no que eles optaram por fazer. (Psicóloga Instituição 8)”

Por sua vez, os representantes das instituições 6 e 1 trouxeram que existem diferentes vieses que precisam ser considerados e planejados, como descrito nas seguintes falas respectivamente:

“Quer dizer, então, não dá pra gente dizer...eu posso assim ter exemplos, como esse que eu falei, mas, assim, emblemático pra mim, do toque nas costas, eu falei ‘que maneiro’. É isso que eu posso dizer agora. A gente tá aí na luta, vamos embora, vamo que vamo. (Representante Instituição 6)

“Com certeza. Desde que haja um planejamento. A utilização do esporte, para realmente alcançar o desenvolvimento desses personagens, né, até dessas pessoas, desses jovens, entende? Por exemplo, para você entender, enquanto nós, como associação registrada, somos um projeto esportivo educacional e temos aqui atividades esportivas, rodas de leitura, incentivo à leitura, saída pedagógica, existe outros projetos aqui que não tem esse objetivo; você tá entendendo? Simplesmente tem um projeto esportivo ou uma escolinha de futebol, chama os meninos, mas ele não tem um direcionamento. Esses meninos não recebem a orientação, a... eles não recebem esse feedback, sabe? (...) Por exemplo, você tem ideia, só pra você entender melhor; a gente aqui ensina a eles a terem responsabilidade: Chegarem pontuais nos seus eventos, não só aqui nos nossos eventos, mas em qualquer evento deles, na escola, não é, que eles estão. E aí, aos poucos, eles estão aí; nós estamos formando cidadãos adultos, responsáveis. Isso tudo eu posso fazer através do esporte, entende? (...) A gente não pode olhar só como criança... claro, a gente tem que tratar como criança, mas temos que olhar esses jovens como cidadãos em formação; se for uma coisa bem feita, o esporte atrelado com a educação, acredito muito que o esporte vai dar o rendimento não só físico, mas o rendimento social muito

maior. Então, tem que ter planejamento, como nós estamos fazendo. (Representante Instituição 1).

Nesse sentido, a representante da instituição 3 também trouxe que: *“Isso vai depender de muitas variáveis. Então, que variáveis? O tempo que esse projeto ele é... é desenvolvido; então a gente já sabe quanto menor o tempo né menos sustentáveis vão ser esses resultados, esses benefícios, né? Então quanto maior o tempo mais duradouro fosse projeto é... talvez mais sustentável... a gente vai ter os resultados, serão os resultados. Então é... outro aspecto é a intencionalidade. É e a maneira como essas questões elas estão integradas né? Porque não vejo como algo pontual; é mas é algo que tem que estar desde o do momento anterior, vamos dizer, a entrar no campo, a tá executando um projeto de fato. Então requer é uma intencionalidade, uma preparação da equipe; requer tempo para que as pessoas do projeto se acostumem a esse modelo, né. Então tem algumas coisas. E é importante de ser dito é... Que o esporte por si só, né, ele é um direito, né. Então, assim, ainda que que o esporte ele não tenha esse papel de ser um veículo né, de proporcionar um desenvolvimento ABC por si só, quando as pessoas estão acessando o esporte elas já estão se desenvolvendo de certa maneira, porque elas estão acessando um direito.”*

E, finalizando com o relato da Psicóloga da Instituição 9, esta acrescenta: *“Eu acho que sim. É... porque eu vejo que as coisas não se dão de forma perfeita, sabe? Não é... não são fantasiosas. Eu enxergo que a qualidade de vida, é, saúde mental, ela é feita de oscilação. Ela é feita de você... é, de fato, de uma forma muito simples. Desenvolver manejo, ferramenta, para lidar com o que te acontece e o que te acontece é imprevisível. Então, assim, você conseguir lidar da melhor forma, conseguir minimamente ter saúde para lidar com aquilo que te... te acontece, aquilo que te aflige, aquilo que te oprime...Eu, eu acho que esse é o objetivo, né; quando eu penso em saúde mental, quando eu penso na ferramenta que a psicologia pode proporcionar, né. Então, eu acho que esse lugar, ele é de uma construção eterna; ele é de uma construção infinita, porque a gente está mudando o tempo todo, né; a sociedade está mudando o tempo todo.”*

Podemos compreender que a Psicologia do Esporte que atua em projetos sociais, mas não exclusivamente, parte do ponto – e precisa manter em mente este princípio – de que todo praticante do esporte é, em primeiro lugar, um sujeito situado em um contexto social, com objetivos e necessidades específicas. Sua prática é fundamental pois, como relatado pelos

entrevistados e confirmado pela literatura previamente, ela intercede e facilita muito dos aspectos almejados para o desenvolvimento humano que se utiliza do esporte como ferramenta. Ela traz consciência e gera reflexões para que esse processo se dê de forma o mais natural e intencional possível e, também, para que o esporte seja aproveitado em toda a sua potência, seja como veículo de transformação social ou como direito constitucional ou, até mesmo, como o alto-rendimento. Garcia, Medeiros e Zarembo (2011) afirmam, por fim, que a prática esportiva desde a iniciação com crianças, não deveria apenas focar no alto-rendimento, pois, dedica-la apenas este propósito implicaria em “um enorme desperdício do potencial transformador do esporte” (GARCIA; MEDERIOS; ZAREMBA, 2011, p. 6).

Portanto, para que essa prática aconteça de forma integradora e eficaz, é preciso, como constatarem os relatos e a literatura – através dos próprios casos apresentados (PIERI; AMATO, 2019) –, que haja o planejamento, a intencionalidade, o trabalho em rede e supervisão, no sentido de bom gerenciamento (WEINBERG; GOULD, 2017). Pois, entende-se que esse desenvolvimento humano não é intrínseco à prática esportiva, sendo ela uma prática neutra, como afirmam Brunelle, Danish e Forneris (2007) e Garcia, Medeiros e Zarembo (2011), embora seja possível e viável, como vimos durante a análise de dados. E, mesmo com tantas dificuldades sejam elas financeiras, humanas ou estruturais, o benefício e a satisfação de, com efeito, propiciar esse desenvolvimento faz valer a pena o processo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada se deu através de um longo processo de mudanças, ajustes e espera. Tais atravessamentos foram de diversas naturezas: o projeto de pesquisa inicial foi modificado poucos meses antes da qualificação, devido às questões pessoais mencionadas na apresentação e à pandemia do COVID-19 que pegou a todos de surpresa e impossibilitou que a pesquisa original fosse implantada, considerando as restrições de contato social. E então, decidido o novo objetivo de pesquisa, houveram longos ajustes, momentos de espera e desencontros, também, para que o Comitê de Ética aprovasse a mesma, o que levou quase 9 meses. Tendo em vista esse tempo, a dificuldade de contato para com todas as instituições visadas e o baixo retorno das mesmas – esclarecido pela REMS como algo que a própria organização estava enfrentando, de certa forma, devido a pandemia – não foi possível realizar o mapeamento sociodemográfico com a adesão idealizada originalmente.

Ainda assim, a forma na qual a pesquisa ocorreu e o alcance que obteve, levantou questionamentos e apresentou dados relevantes, contribuindo para conhecermos mais das características dessas organizações, os benefícios, desafios e dificuldades das mesmas e da atuação psicológica para com elas. Compreendemos que o maior ganho da relação entre Psicologia do Esporte e Esporte para Desenvolvimento são as pessoas, os vínculos sociais e desenvolvimento pessoal e social possibilitados por meio da prática esportiva, seja ela qual for. Entendemos também que, muitas das vezes, o mesmo sistema estrutural e sociopolítico que estimula a mudança e o desenvolvimento, refreia-os e impede que avancem por não querer romper com certos padrões (des)estruturais, e isto é considerado tanto uma dificuldade quanto um desafio a se refletir e questionar sobre para superá-lo. Ainda, confirmamos que o esporte por si só nem sempre é milagroso, apesar de carregar muitas exceções, e que ele precisa estar aliado da intencionalidade, disposição e planejamento de desenvolvimento para que este possa, de fato, ser efetivo, duradouro e saudável. Ou seja, enfatiza-se que o esporte em si é um direito constitucional, e que pode sim ser compreendido como veículo de desenvolvimento, como proposto em nossa análise, desde que realizado a partir da ótica e intenções mencionadas.

Nesse sentido, vimos a importância do trabalho multi e interdisciplinar. Compreendendo, assim, que a presença da Psicologia do Esporte, mas também da social, da educacional, da clínica – quiçá outras de suas vertentes –, é base para que o desenvolvimento através do desporto ocorra. Da mesma forma, a interação com a área da pedagogia, educação física, assistência social, nutrição, fisioterapia e outras, são essenciais nessa relação. Tendo estes pontos em mente, concluímos que há muito o que se fazer a partir daqui. Como fortalecer a relação entre as diversas disciplinas no cotidiano? Como manejar um sistema que estimula ao mesmo tempo que retém a mudança e o desenvolvimento? Como tornar esse processo de desenvolvimento biopsicossocial por meio do esporte intencional e bem planejado, nas diversas dimensões prática esportiva (como a área de projetos sociais, o alto rendimento, esporte universitário, prática relacionada a saúde, etc.)?

Logo, apesar de termos essas e muitas outras questões, de haver muita pesquisa e avanço a serem alcançados, há uma coisa que se percebe em todos os entrevistados: persistência e a crença de que é possível alcançar o desenvolvimento, mesmo que a passos pequenos. Portanto, esta pesquisa se conclui acreditando que a Psicologia do Esporte que atua em projetos sociais desportivos, visando o desenvolvimento humano e social, é um campo onde a atuação

da psicologia – e outras profissões – é necessária, essencial e promissora. E mesmo com um longo caminho a frente, vale a pena.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A REDE, **Rede Esporte pela Mudança Social**, São Paulo, [2016]. Disponível em:<REMS » Quem Somos>. Acesso em: 27 de março de 2022.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 3º reimp. Da 1. Ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERNARDES, A. G.; YAMAJI, B.H.S; GUEDES, D.P. Motivos para prática de esporte em idades jovens: Um estudo de revisão. **Motricidade**, Paraná, v.11, n.2, p.163-173, 2015. Disponível em:< [Motivos para prática de esporte em idades jovens: Um estudo de revisão | Motricidade \(rcaap.pt\)](#)>. Acesso em: 05 de Janeiro de 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> . Acesso em: 18 de Novembro de 2020.

BRAWLEY, L. R; MARTIN, K. A. *The Interface between Social and Sport Psychology*. **The Sport Psychologist**, United States of America, v. 9, n. 4, p. 469-497, dez., 1995.

BREAKWELL, G. M. et al. Métodos de Pesquisa em Psicologia. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2010

BRUNELLE, J.; DANISH, S. J.; FORNERIS, T. *The Impact of a Sport-Based Life Skill Program on Adolescent Prosocial Values*. **Applied Developmental Science**, USA, v. 11, n. 1, p.43-55, jan. 2007. Disponível em:< [\(PDF\) The Impact of a Sport-Based Life Skill Program on Adolescent Prosocial Values \(researchgate.net\)](#)>. Acesso em: 07 de Janeiro de 2022.

BURNETT, C. *Engaging sport-for-development for social impact in the South African context*. **Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics**, London, UK, v. 12, n. 9, p. 1192-1205, nov., 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/233132127_Engaging_sport-for-development_for_social_impact_in_the_South_African_context>. Acesso em: 05 de agosto de 2020.

CAMILO, J. A. O. Abordagens Qualitativas em Psicologia do Esporte. In: CONDE, L; FILGUEIRAS, A; ANGELO, L; PEREIRA, A.; CARVALHO, C. (Org). **Psicologia do Esporte e do Exercício: Modelos Teóricos, Pesquisa e Intervenção**. 1. Ed. São Paulo: Pasavento, 2019. cap. 5, p. 89-108.

CARLIN, J. **Invictus: Nelson Mandela e o jogo que uniu a África do Sul**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

CARVALHO, C. A. Psicologia do Esporte: construindo sua história a partir da Educação Física. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v. 6, n. 1, p.70-87, jan./jun., 2016. Disponível em:< [PSICOLOGIA DO ESPORTE: CONSTRUINDO SUA HISTÓRIA A PARTIR DA EDUCAÇÃO FÍSICA \(researchgate.net\)](#)>. Acesso em: 12 de Novembro de 2021

CARVALHO, C. A. A psicologia do esporte no Brasil como ciência do esporte e do exercício. In: CONDE, L; FILGUEIRAS, A; ANGELO, L; PEREIRA, A.; CARVALHO, C. (Org). **Psicologia do Esporte e do Exercício: Modelos Teóricos, Pesquisa e Intervenção**. 1. Ed. São Paulo: Pasavento, 2019. cap. 1, p. 15-32.

CARVALHO, C. A.; JACÓ-VILELA, A. M. **Psicologia do Esporte no Brasil em Dois Tempos: uma história contada e uma história a ser contada**. [S.I.]: [s.n.], 2009. Disponível em:<http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/206.%20psicologia%20do%20esporte%20no%20brasil%20em%20dois%20tempos.pdf>. Acesso em: 31 de agosto de 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências Técnicas para a atuação de Psicólogas (os) em Políticas Públicas de Esporte**. Brasília, 2019. Disponível em: < http://crepop.pol.org.br/6685_referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas-os-em-politicas-publicas-de-esporte-2019>. Acesso em: 05 de novembro de 2020.

DE ROSE Jr, D. História e Evolução da Psicologia do Esporte. **Revista Paulista de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 6, nº. 2, p. 73-78, jul, 1992. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/138074>>. Acesso em: 09 de setembro de 2018.

DIAS, C. S.; CRUZ, J.F.; DANISH, S. O desporto como contexto para a aprendizagem e ensino de competências de vida: programas de intervenção para crianças e adolescentes. **Análise Psicológica**, v. 1, n. XIX, p. 157-170, 2001. Disponível em: <[AP191C.QXD \(uminho.pt\)](#)>. Acesso em: 06 de Janeiro de 2022

DINIZ, R. S.; OLIVEIRA, M. P.; SILVA, L. P. Lei de incentivo ao esporte: Quais seus objetivos pela visão oficial dos formuladores (agentes políticos). **Revista Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v.25, n.3, p.188-204, set./dez., 2021. Disponível em:< [LEI DE INCENTIVO AO ESPORTE | Corpoconsciência \(ufmt.br\)](#)>. Acesso em: 28 de Dezembro de 2021.

ERICKSON, K. CÔTÉ, J. *A season-long examination of the intervention tone of coach–athlete interactions and athlete development in youth sport. **Psychology of Sport and Exercise**, v.22, p.264-272, jan. 2016. Disponível em: < [A season-long examination of the intervention tone of coach–athlete interactions and athlete development in youth sport - ScienceDirect](#)>. Acesso em: 05 de Janeiro de 2022.*

ESCARTÍN, A. *Psicología Social Del Deporte: Ámbitos de Estudio e Intervención. **Papeles del Psicólogo**, Madrid, Espanha, v. 75, feb., 2000. Disponível em: < <http://www.papelesdelpsicologo.es/resumen?pii=969>>. Acesso em: 25 de agosto de 2020.*

FLICK, U. **Desenho da Pesquisa Qualitativa**, 1. Ed., Porto Alegre: Artmed, 2008.

GARCIA, R. P.; ZAREMBA, R. S. Esporte e cuidado: a prática esportiva como ferramenta de formação pessoal e transformação social. In: MEDEIROS, C.; LACERDA, A. (Org.). **Psicologia e Esporte na atualidade: reflexões necessárias**. 1. Ed. São Paulo, Pasavento, 2017, p.91 – 109.

GARCIA; R. P; MEDEIROS, C.; ZAREMBA, R. S. Desenvolvendo competências de vida através do esporte: relato de uma experiência. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 002 – 014, jan./jun. 2011.

GARRIDO TORRES, M. A.; BOHÓRQUEZ GÓMEZ-MILLÁN, M. R. *De la Psicología Social a la Psicología Social del Deporte: El estudio de los grupos como vínculo entre ambas disciplinas. **Revista Internacional de Ciencias Sociales y Humanidades, SOCIOTAM, México**, v. XXI, n. 2, p. 11-25, 2011. Disponível em: <www.redalyc.org/pdf/654/65423606003.pdf>. Acesso em: 21 de agosto de 2020.*

GIRGINOV, V. **Management of Sports Development**. 1. Ed. *United Kingdom*: Butterworth-Heinemann, 2008.

HARTMANN, D; KWAIK, C. *Sport and Development: An Overview, Critique and Reconstruction. **Journal of Sport and Social Issues**, United States of America, v. XX, n. X, p. 01-22, 72sic., 2011. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0193723511416986>>. Acesso em: 24 de agosto de 2020.*

HIRAMA, L.K.; MONTAGNER, P.C. Algo para além de tirar da rua: o Ensino do esporte em projeto socioeducativo. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 1, p. 149-164,

jan./mar. 2012. Disponível em: < [SciELO - Brasil - Algo para além de tirar da rua: o ensino do esporte em projeto socioeducativo](#) Algo para além de tirar da rua: o ensino do esporte em projeto socioeducativo>. Acesso em: 16 de Agosto de 2020

KORNSPAN, A. S.; MACCRAKEN, M. J. *Psychology Applied to Sport in the 1940s: The Work of Dorothy Hazeltine Yates*. *The Sport Psychologist*, United States of America, v. 15, n. 3, p. 342-345, sep., 2001. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/290966902_Psychology_Applied_to_Sport_in_the_1940s_The_Work_of_Dorothy_Hazeltine_Yates#:~:text=Psychology%20Applied%20to%20Sport%20in,Dorothy%20Hazeltine%20Yates%20%7C%20Request%20PDF>. Acesso em: 29 de janeiro de 2018.

LIZ, C. M. et al. Autoconfiança e desempenho esportivo. **EF Deportes Revista Digital**. Buenos Aires, Argentina, v. 14, nº 133, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd133/autoconfianza-e-desempenho-esportivo.htm>>. Acesso em: 29 de outubro de 2018.

MIRAGAYA, A. M. *The process of inclusion of women in the Olympic Games*. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Universidade Gama Filho, 2006. Disponível em: < Olympic World Library - The process of inclusion of women in the Olympic Games / by Ana Maria Miragaya ; Lamartine Da Costa (supervisor) - Detail (olympics.com)>. Acesso em: 27 de março de 2022.

MIRAGAYA, A. M. Educação Olímpica: O legado de Coubertin no Brasil. In: FILHO, A. R. R.; PINTO, L. M. M.; RODRIGUES, R. P.; ENGELMAN, S. (Org.). **Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil**. 1. Ed. Rio Grande do Sul, UFRGS, 2009, p.41 – 55.

ONU. **Resolução 58/5**, de 3 de Novembro de 2003. Determina o esporte como meio de promoção de educação, saúde, desenvolvimento e paz. Disponível em: <<https://www.un.org/en/sections/documents/general-assembly-resolutions/index.html>> . Acesso em: 25 de agosto de 2020.

ONU. **Resolução 71/160**, de 16 de Dezembro de 2016. Reforça a Resolução 58/5, de 3 de Novembro de 2003, que determina o esporte como meio de promoção de educação, saúde, desenvolvimento e paz. Disponível em: <<https://research.un.org/en/docs/ga/quick/regular/71>> . Acesso em: 25 de agosto de 2020.

ONU. **Resolução 73/24**, de 3 de Dezembro de 2008. Determina o esporte como um facilitador do desenvolvimento sustentável. Disponível em: <<https://research.un.org/en/docs/ga/quick/regular/73>> . Acesso em: 25 de agosto de 2020.

PESCA, A. D.; CRUZ, R. M. Modelos de atuação multidisciplinar e interdisciplinar em Psicologia do Esporte e do exercício. In: CONDE, L; FILGUEIRAS, A; ANGELO, L; PEREIRA, A.; CARVALHO, C. (Org). **Psicologia do Esporte e do Exercício: Modelos Teóricos, Pesquisa e Intervenção**. 1. Ed. São Paulo: Pasavento, 2019. cap. 8, p. 161-172.

PIERI, R.; AMATO, J. Psicologia analítica nas pistas do atletismo: intervenções em um projeto social. In: CONDE, L; FILGUEIRAS, A; ANGELO, L; PEREIRA, A.; CARVALHO, C. (Org). **Psicologia do Esporte e do Exercício: Modelos Teóricos, Pesquisa e Intervenção**. 1. Ed. São Paulo: Pasavento, 2019. cap. 20, p. 363-380.

PILETTI, N; ROSSATO, S. M.; ROSSATO, G. **Psicologia do Desenvolvimento**, 1. Ed., São Paulo: Editora Contexto, 2014.

PINHO, H.S. **A psicologia e o psicólogo do esporte: Uma formação necessária**. Brasília, DF. Ed. UnB, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/20801/1/2016_HugoSoaresPinho.pdf>. Acesso em: 28 de agosto 2018.

RIBEIRO, P. Uma trajetória da psicologia do esporte no futebol do Rio de Janeiro. In: CONDE, L; FILGUEIRAS, A; ANGELO, L; PEREIRA, A.; CARVALHO, C. (Org). **Psicologia do Esporte e do Exercício: Modelos Teóricos, Pesquisa e Intervenção**. 1. Ed. São Paulo: Pasavento, 2019. cap. 16, p. 295-308.

RODRIGUES, A. L. **A desportivização das políticas sociais para a juventude: Discursos salvacionistas e práticas compensatórias**. 2008. 155f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2008.

RUBIO, K. Origens e Evolução da Psicologia do Esporte no Brasil. *Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona, v. VII, n. 373, p. 01-08, maio, 2002. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-373.htm>>. Acesso em:

RUBIO, K. Ética e Compromisso Social na Psicologia do Esporte. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 27, n. 2, p. 304-315, jun. 2007^a. Disponível em:<

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000200011>.

Acesso em:

_____. Da Psicologia do Esporte que temos à Psicologia do Esporte que queremos. **Ver. Bras. 75sicol. esporte**, São Paulo, v.1, n.1, p. 01-13, dez. 2007b. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-91452007000100007>.

Acesso em:

RUBIO, K., A psicologia do Esporte: Histórico e Áreas de Atuação e Pesquisa. **Psicol. cienc. prof.** Brasília, v. 19, n° 3, p. 60-69, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931999000300007>.

Acesso em: 30 de agosto de 2018.

SILVA, F. S. Projetos Sociais em Discussão na Psicologia do Esporte. **Ver. Bras. Psicol. Esporte**, São Paulo, v. 1, n°. 1, p. 01-12, dez., 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-91452007000100005> .

Acesso em: 01 de julho de 2020.

SIQUEIRA, C. Comissão aprova proposta que prorroga benefícios da Lei de Incentivo ao Esporte. **Agência Câmara de Notícias**, Brasília-DF, 11 jan. 2022. Disponível em:< [Comissão aprova proposta que prorroga benefícios da Lei de Incentivo ao Esporte - Notícias - Portal da Câmara dos Deputados \(camara.leg.br\)](http://comissaoaprova.com.br/comissao-aprova-proposta-que-prorroga-beneficios-da-lei-de-incentivo-ao-esporte)>.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão Integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, mar., 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1679-45082010000100102&script=sci_arttext&tlng=pt>.

Acesso em: 24 de agosto de 2020.

TUBINO, M. Elementos de superação do conceito das manifestações esportivas presentes na lei vigente que abrangem o esporte e sua totalidade. **In: _____ Estudos Brasileiros sobre o Esporte: ênfase no esporte-educação**. 1 ed. Maringá: Eduem, 2010, p. 35–62. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/123456789/130/livro%20tubino.pdf?sequence=5&isAllowed=y>>. Acesso em: 13 de novembro de 2018.

UNESP. Tipos de Revisão de Literatura. **Biblioteca Prof. Paulo de Carvalho Mattos: Faculdade de Ciências Agrônômicas**, UNESP, Campus Botucatu. 2015. Disponível em:

<<https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura.pdf>> . Acesso em: 24 de agosto de 2020.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. 6. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2017

Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
IE/DEPSI/PPGSPSI

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Aspectos da Prática e da Relação entre a Psicologia do Esporte e Esporte para o Desenvolvimento

A pesquisadora convida a Instituição, através de seu representante ou profissional da psicologia, caso esteja presente na mesma, a participar da pesquisa de mestrado intitulada “Aspectos da Prática e da Relação entre a Psicologia do Esporte e Esporte para o Desenvolvimento”. Temos por **justificativa** do estudo a necessidade de melhor compreender como se dá a relação entre a Psicologia do Esporte e o Esporte para Desenvolvimento, visto que esse pode ser meio e ferramenta para alcance e impacto no desenvolvimento individual e social. O **objetivo** geral da pesquisa é analisar como ocorre a interação entre os temas aqui citados no campo teórico e prático da profissão. Para os **procedimentos da pesquisa** você será convidado(a), a responder uma entrevista semiestruturada desenvolvida pela pesquisadora; e, caso concorde, voluntariamente, em participar do estudo, deverá assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Ao concordar com os termos, as entrevistas serão agendadas e feitas via videoconferência ou pessoalmente, se possível; ainda, elas serão registradas, através de gravação de áudio ou rescrita, apenas para uso exclusivo da pesquisadora, visando descrevê-las e analisa-las posteriormente para o desenvolvimento da dissertação. No que diz respeito a **Confidencialidade e avaliação dos registros**, será garantida a manutenção do sigilo, de sua privacidade, com liberdade plena para recusar-se a participar ou retirar seu consentimento em qualquer momento, sem penalização alguma. Os **benefícios da Pesquisa**, nesse termo de esclarecimento estão sob a forma de dados que auxiliarão a compreender a dinâmica da relação entre a psicologia do esporte e o desenvolvimento, contribuindo para o crescimento do profissional que atua nesta área. Com relação aos possíveis **desconfortos e riscos** decorrentes da sua participação na pesquisa, há a possibilidade de as perguntas realizadas gerarem algum desconforto, porém entende-se que os riscos não serão maiores que estes; caso necessário, nomes de pessoas ou instituições governamentais poderão ser substituídos na descrição da entrevista na dissertação e futura publicação da mesma em meios acadêmicos. Serão tomadas, também, outras medidas de cautela necessárias para evitar condições adversas que possam afetar a sua integridade física, mental e moral. Caso ainda assim haja desconforto durante a realização da entrevista a mesma será imediatamente interrompida e serão realizados quaisquer encaminhamentos que se mostrem necessários. Reitera-se que a instituição e seu representante têm liberdade para retirar-se da pesquisa, sem qualquer custo aos mesmos e enfatizamos, ainda, o cunho voluntário da participação na pesquisa. Qualquer dúvida existente sobre a pesquisa pode ser respondida entrando em contato com os pesquisadores através dos contatos aqui presentes, com o próprio Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) ou através do site da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma, o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto, de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Assinatura da participante

Assinatura pesquisador (a)

Orientador (a)

Consentimento Pós-Informação

Declaro me considerar devidamente informado (a) e esclarecido(a) sobre o conteúdo deste termo e da pesquisa a ser desenvolvida, livremente expresse meu consentimento para inclusão, como sujeito da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

_____ de _____ 2021.

Assinatura da participante

Assinatura pesquisador (a)

Orientador (a)

E-mail: _____ Telefone: _____

Pesquisadora Responsável: Ana Ramires de Assis da Silva

Telefone de contato: (21) 99255-7103. E-mail: anaramiresdeassis@gmail.com

Pesquisador (Orientador): Wanderson Fernandes de Souza – Professor Dr. do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Telefone de contato: (21) 987229245. E-mail: wanderson.souza@gmail.com.

Comitê de Ética em Pesquisa – Rua Prof. José de Souza Herdy, 1160 – Bairro: 25 de Agosto – Duque de Caxias – RJ. CEP: 25.071-202
Telefone: (21)2672-7733. Email: cep@unigranrio.com.br

Apêndice 2 – Carta de Anuência**CARTA DE ANUÊNCIA**

A _____
aceita a pesquisadora Ana Ramires de Assis da Silva, discente do curso de pós-graduação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, a desenvolver, também nesta entidade, a pesquisa intitulada “Aspectos da Prática e da Relação entre a Psicologia do Esporte e Esporte para Desenvolvimento”, sob orientação do Prof. Dr. Wanderson Fernandes de Souza, do Departamento de Psicologia (DEPSI/UFRRJ).

Ciente dos objetivos e da metodologia da pesquisa acima citada, concedo a anuência para seu desenvolvimento, desde que me sejam assegurados os requisitos abaixo:

- O cumprimento das determinações éticas da Resolução nº466/2012 CNS/CONEP;
- A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;
- Não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação dessa pesquisa;
- No caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

Local

Data

(Assinatura)

Apêndice 3 – Roteiro de Entrevista para Psicólogos do Esporte nas Instituições

Dados sociodemográficos da Instituição

Nome:

Há quanto tempo atua na área:

Há quanto tempo atua nesta instituição:

Quantas pessoas alcança:

- 1 – Conte um pouco da história da Instituição/ONG;
- 2 – O que a instituição almeja, ou seja, quais são seus objetivos/sua visão?
- 3 – Como a instituição funciona (métodos de atrair o público-alvo, estratégias diárias, etc.)?
- 4 – Como ela é mantida (patrocínios, doações, etc.)?
- 5 – Ela possui parceria com algum outro programa social e/ou do governo?
- 6 – Como a Psicologia do Esporte se encaixa neste contexto?
- 7 – Na prática, como é sua atuação com o público-alvo e a instituição?
- 8 – Como estes veem o papel da Psicologia neste espaço?
- 9 – Como é feita a integração entre o esporte e o desenvolvimento pessoal e/ou social? Como a psicologia contribui para isso?
- 10 – Em sua perspectiva, quais são os maiores desafios ou dificuldades encontrados nesse campo da Psicologia?
- 11 – Da mesma forma, quais são os maiores benefícios desta integração?
- 12 – Tal integração é, de fato, possível de ser concretizada de maneira efetiva, duradoura e saudável?

Apêndice 4 – Roteiro de Entrevista para os Representantes das Instituições

Dados sociodemográficos da Instituição

Nome:

Há quanto tempo atua nesta área:

Há quanto tempo atua nesta instituição:

Quantas pessoas alcança:

- 1 – Conte um pouco da história da Instituição/ONG;
- 2 – O que a instituição almeja, ou seja, quais são seus objetivos/sua visão?
- 3 – Como a instituição funciona (métodos de atrair o público-alvo, estratégias diárias, etc.)?
- 4 – Como ela é mantida (patrocínios, doações, etc.)?
- 5 – Ela possui parceria com algum outro programa social e/ou do governo?
- 6 – Como você vê o papel da Psicologia e da Psicologia do Esporte neste espaço?
- 7 – (Caso não haja psicólogo) Vocês já consideraram a inclusão de Psicólogos na equipe? Por quê?
- 8 – Na prática, como se dá a sua atuação na Instituição/ONG?
- 9 – Como é feita a integração entre o esporte e o desenvolvimento pessoal e/ou social? Você acredita que a psicologia poderia contribuir para isso?
- 10 – Em sua perspectiva, quais são os maiores desafios ou dificuldades encontrados nessa área?
- 11 – Da mesma forma, quais são os maiores benefícios desta integração?
- 12 – Tal integração é, de fato, possível de ser concretizada de maneira efetiva, duradoura e saudável?

Apêndice 5 – Temas presentes nas perguntas para Psicólogos(as)

	Psicólogo 1	Psicólogo 2	Psicólogo 3
P.1	Instituição-histórico-perspectiva/ Lei do incentivo ao esporte/ Patrocínio-parceria/ Leis do incentivo em general/ Rede de contato-Parceria para trabalho/ História pessoal do psicólogo	História pessoal do psicólogo/ Instituição-histórico-perspectiva-funcionamento/ Perspectiva do psicólogo/ Menção ao alto-rendimento/ Perspectiva do psicólogo no alto-rendimento	Pandemia/ História pessoal do psicólogo contexto/ Voluntariado/menção ao alto-rendimento/esporte como ferramenta/ História pessoal do psicólogo com PE/Instituição-trabalho com a instituição/Multidisciplinaridade/Integração esporte-desenvolvimento-psi/Abordagem psicológica/Instituição-histórico-esporte-deficiência/Método-programação/Rede de contato para trabalho-trabalho em rede
P.2	Perspectiva do psicólogo /Instituição-perspectiva-função/	Instituição-perspectiva/Menção ao alto-rendimento	Instituição-objetivo-perspectiva/Integração esporte-desenvolvimento-psi/Esporte como ferramenta-conexão
P.3	Instituição-perspectiva-localidades/Método-programação/Pandemia/Multi disciplinaridade/Modalidade desportiva	Alto-rendimento/Instituição o-funcionamento-método-programação-público-alvo	Não soube muito responder a pergunta
P.4	Leis de incentivo	Parceria/Lai de incentivo ao esporte/Presença de uma figura do alto-rendimento de renome	Parcerias-patrocínios
P.5	Patrocínio/parcerias	Não soube responder a pergunta	Parcerias/patrocínio
P.6	Abordagem psicológico/Método-programação/Integração esporte-desenvolvimento-psi/	Perspectiva do psicólogo - ALTO RENDIMENTO/Rel evância do	Presença psi-necessidade/importância psi/Abordagem psicológico/Integração

		esporte/Expectativa sobre o esporte/ Abordagem psicológica – ALTO RENDIMENTO/Dificuldades – possível resistência ao trabalho psi	esporte- desenvolvimento- psi/Esporte como ferramenta
P.7	Perspectiva do psicólogo/ Abordagem psicológica/ Importância psi	Relação institucional/Pandemia/ Abordagem psicológica – ALTO RENDIMENTO/ Abordagem psicológica/ Multidisciplinaridade	Perspectiva do psicólogo /Desejo por psi/Abordagem psicológica- método/Dificuldade – pessoas querem o serviço, mas o sistema é faltoso
P.8	Multidisciplinaridade/ Perspectiva das pessoas sobre o trabalho psi- desconhecimento-estereótipo	Presença psi ou falta de/ Perspectiva dos atletas sobre o trabalho psi/ Dificuldade – possível desconhecimento do trabalho psi/Resistência	Perspectivas das pessoas sobre o trabalho psi/Abordagem psicológica/ Perspectiva do psicólogo
P.9	Integração esporte- desenvolvimento-psi em atividades/Método- programação/Importância psi/Multidisciplinaridade	Integração esporte- desenvolvimento-psi / Importância psi/ Multidisciplinaridade /instituição- perspective	Integração esporte- desenvolvimento- psi/Multidisciplinaridade/trabalho em rede (de contato)/Importância psi
P.10	Dificuldades – presença do psi na área-consistência- oportunidades-relação com a instituição	Dificuldades – tempo/Pandemia/ Dificuldade – autocobrança – alto- rendimento/ Multidisciplinaridade /Dificuldade – relação atleta-peso ALTO RENDIMENTO/ Dificuldade – alimentação/pesagem	Perspectiva sobre a psicologia social/ Perspectiva do psicólogo sobre esporte/Dificuldade – falta de valorização da profissão

		- ALTO RENDIMENTO	
P.11	Benefício-satisfação de integração-ver o resultado/Dificuldades-plantar a semente de um modo eficaz-ação eficaz	Benefícios – pessoas – também, vínculo com educação física/ Benefício – impacto na vida das pessoas, pessoas/Benefícios – pessoas, participar do desenvolvimento – também alto rendimento	Benefício – oportunidade de falar sobre saúde mental/Integração esporte-desenvolvimento-psi
P.12	Integração esporte-desenvolvimento-psi(possível)/Multidisciplinaridade/Benefício-satisfação-integração-ver acontecer	Integração esporte-desenvolvimento-psi-menção ao alto-rendimento/ Alto-rendimento, perspectiva sobre	Integração esporte-desenvolvimento-psi, oscilante e gradativo, simples/ Perspectiva do psicólogo/Importância psi-comunicação na psi/Importância do psicólogo na integração esporte-desenvolvimento-psi

Apêndice 6 – Temas presentes nas perguntas para Gestores(as)

	Rep. 1	Rep. 2	Rep. 3	Rep. 4	Rep. 5	Rep. 6
P. 1	Público-alvo, motivo para instituição/ esporte como linguagem/ esporte como ferramenta/esporte como preventivo/objetivo motivo/dados burocráticos/dados pessoais do representante/associação com outros programas na instituição/esporte como motivador-incentivo/pandemia	Instituição-histórico-perspectiva/ Contexto pessoal do representante/ história pessoal/ Instituição-histórico/ Relação com poder público/ Redes de contato para trabalho/ Importância de legalizar-institucionalização	Instituição-papel-perspectiva-histórico/ Integração esporte-desenvolvimento-psi/dados burocráticos / vínculo com ed.física/pandemia	Instituição-histórico-perspectiva-relação com poder público-público-alvo/lei do incentivo/parceria/perspectiva sobre o skate/método-funcionamento-programação/pandemia	Instituição-perspective-histórico-história pessoal/impacto na vida pessoal do representante/ menção ao alto rendimento/perspective pessoal-desejps/público-alvo/benefício - relações/parceria/métodos-programação	Instituição-papel-perspectiva/ perspectiva pessoal/lei do incentivo ao esporte/voluntariado/objetivo-perspectiva da instituição-método/multi disciplinaridade/educação física/esporte como ferramenta/rede de contato para parceria/representação social sobre “ajudar o outro” “voluntariado”/integração esporte-desenvolvimento-psi
P. 2	Dados burocráticos/programação/alto rendimento/parcerias-financeiras/instituição como família/pandemia/ objetivo da instituição/associação com outras atividades da instituição	Presença-impacto do representante/ método-programação/instituição/presença-importância psi/abordagem psicológico/ contexto do representante/dificuldade-investimento real no esporte-fachada	Instituição-papel-perspectiva/ Esporte como poder (linguagem, ferramenta)/	Instituição-perspective/relação com o poder público	Instituição-perspective-objetivo/relação com outras instituições/voluntariado/parceria/alcance de outras instituições/benefícios-cases de “sucesso”/presença-importância do fundador/aspecto	Métodos-valores-reassignificação/instituição-papel-perspectiva/representação social sobre “ajudar o outro” “voluntariado”

					cto racial/vínculo com a instituição-alunos/método/apoio social/satisfação pessoal	
P. 3	Programação/método/associação com outras atividades da instituição/esporte como incentivador-motivação/dificuldades recursos humanos/dados pessoais do representante/parcerias/voluntários/educação física-presença da área/ex-alunos que retornam/dados burocráticos-pessoais da instituição	Instituição público-alvo/trabalho voluntário/parcerias-poder público/leis do incentivo/parcerias-patrocínio/método-programação-funcionamento/instituição-perspectiva/	Programação/parceria-financeiras/multidisciplinaridade	Parcerias/pandemia/dificuldade – pandemia, funcionamento na pandemia, acesso à internet do público-alvo	história pessoal /presença da educação física/presença-impacto do fundador/método-programação/trabalho em comunidade-voluntariado/dificuldades – financeiras e dos alunos tbm/benefícios-satisfação/relação-parceria com o poder público/instituição-legalização documental/rede de contato para parceria/história pessoal /parceria/instituição-perspective-sobre finanças/financeiras/contexto social	Informações pessoais-burocráticas da instituição/multidisciplinaridade/programação/esporte como ferramenta-atrativo/método/esporte como ativador/contexto do sistema prisional-DEGASE-trabalho em rede/perspectiva da instituição/dificuldades-financeiras/parcerias-financeiro-people/multidisciplinaridade/perspectiva pessoal sobre esporte/histórico/esporte como meio de captação de recurso/parceria-patrocínio-relação com empresas/dificuldade-captação de recurso-financeiras/rede

						de contato para parceria
P. 4	Parceria-suporte financeiro/dados burocráticos/pandemia/dificuldades-financeira/rede de contato para parceria/dados pessoais-membros da instituição/dados pessoais-atuação pessoal/suporte financeiro-sustento próprio	Voluntariado/parcerias-patrocínio/leis de incentivo/relação com poder público/	Lei do incentivo ao esporte/parceria-finanças	Lei do incentivo ao esporte/financiamento/dificuldades-financeiras/rede de contato para trabalho	Voluntariado/Importância da burocratização/legalizar a instituição/Busca pelo patrocínio/financiamento/parcerias/instituição-perspectiva/método-programação-funcionamento/dificuldade – contexto social/menção ao alto rendimento	REMS/voluntariado/dificuldade-financeira/instituição-perspectiva-histórico/leido incentivo ao esporte/parceria-patrocínio/informação pessoal-burocrática
P. 5	Parcerias-suporte financeiro/menção ao alto-rendimento	Parcerias-rede de contato para trabalho	Rede de contato para parceria/pandemia/	Parcerias/lei de incentivo/relação com poder público/financiamento/dificuldade-relacionamento com parceiros	Relação com o estado-relações públicas/vínculo com a instituição-alunos/instituição-perspectiva/relação com outras instituições-alcance-estrutura das outras instituições	Pergunta feita juntamente com a pergunta 4, logo, repostas juntas
P. 6	Desejo por psicólogo(a)/perspectiva de outras áreas sobre psi/abordagem psicológica/apoio social/dificuldades-financeiras-alimentação/dificu	Importância psi/	Importância psi/abordagem psicológica	Desejo por psi/esporte como direito constitucional/perspectiva inicial sobre integração esporte-desenvolvimento	Importância Psi-problemas familiares/método-programação/menção ao alto-rendimento/educação	Multidisciplinaridade/importância psi/perspectiva sobre outras áreas/integração esporte-desenvolvimento-

	Idades-psicólogos voluntários/importância da psicologia/			o-psi/pandemia/importância psi/relação com poder público/método-programação pós-pandemia	física/perspectiva pessoal do representante-presença/rede de contato para parcerias/approach psicológico/	psi/método-programação/instituição-perspectiva-papel/dificuldade-financeira
P. 7	Perspectivas de outras áreas sobre a psi/desejo por psi/multidisciplinaridade/importância psi	Não foi necessária fazê-la (a pergunta)	Presença Psi/multidisciplinaridade/approach psicológico/ menção ao alto rendimento/instituição-objetivo-papel-perspectiva/integração esporte-desenvolvimento-psi por meio de metodologia de desenvolvimento holístico	Desejo por psi/formação na educação física/multidisciplinaridade/importância psi	Perspectiva pessoal do representante/presença psi	Tem psicólogo – pergunta não feita
P. 8	Dados/papel do representante/dados pessoais da instituição/dificuldades-recursos humanos/multidisciplinaridade/instituição como família-objetivo	Importância-presença-papel do representante/relações internas	infos pessoais	Presença/papel do representante – um pouco de tudo, essencial	Presença-importância do fundador/	Personal data at the institution/pandemia
P. 9	Esporte como linguagem-ferramenta/recursos de apoio para desenvolvimento por meio do esporte/abordagem	Importância psi/abordagem psicológica/integração esporte-desenvolvimento-psi/instituição	Integração esporte-desenvolvimento-psi, grupos/instituição-papel-objetivo-	Importância psi/integração esporte-desenvolvimento-psi/esporte como	importância psi-nos contextos familiares/perspectiva pessoal - história do	Integração esporte-desenvolvimento-psi/importância psi/multidisci

	m psicológica/desejo por psi/perspectivas de outras áreas sobre psi/importância da psicologia/desejo objetivo da instituição	público-alvo, funcionamento/método/vínculos ex-alunos com a instituição/dificuldade-mensuração do desenvolvimento	perspectiva/método-programação/approach psicológico	ferramenta/método/	representante/trabalho interventivo vs desconstrução do que está sendo feito pelo contexto onde está inserido/método-programação-abordagem psicológico	plinaridade/aproach psicológico/perspectiva pessoal/
P. 10	Dificuldades-financeiras-recursos humanos-estrutural/apoio social/rede de contato para suporte-parceria-sustento	Dificuldades – estrutura física, capacitação, material, estrutura humana, relação com poder público	Dificuldades – financeiro e humanos, dedicação exclusiva-tempo disponível para se dedicar/dados burocráticos	Dificuldades – financeira, estrutural do sistema público e políticas públicas/relação com poder público/dificuldade-pessoas, sistema, temporal, financiamento a longo prazo/menção ao alto rendimento	Dificuldades – pessoas/parceiras-finanças/dificuldades-estrutura-sistema/dificuldade-apoiomá vontade	Benefícios-reencontros-ver o outro mudar/integração esporte-desenvolvimento-psi/dificuldade – recursos humanos-indiferença/menção ao alto-rendimento-competição/importância psi/approach psicológico/dificuldade-ideologias/representação social do “ajudar o outro”
P. 11	Benefício-presença dos jovens/associação com outras atividades-programas da instituição/esporte como incentivador-motivação/benefício-	Integração esporte-desenvolvimento-psi alcança necessidades básicas como pertencimento e de competência/método-programação/in	Benefício - Esporte como linguagem, meio de acesso, atrativo, entretenimento, por isso consegue-se abordar	Esporte como direito constitucional/instituição-perspectiva/facilitar o acesso a direitos constitucionais/vínculo com ex-alunos/dificuld	Benefícios – ver as pessoas crescerem, isso ser sucesso	Respondida junto com a 10

	desenvolvimento- ver ler/dados- papel-perspectiva do representante/vínc ulo dos ex-alunos com a instituição/educaç ão física/impacto do esporte/instituição -objetivo- perspectiva	stituto como família/benefíci o – melhor cuidado com a saúde, novas perspectivas de vida/esporte como meio para extravasar	temas relevantes (facilitador)	ade-não suporte do sistema		
P. 12	Integração esporte- desenvolvimento- psi por meio de planejamento (possível)/instituiç ão-objetivo- perspectiva/víncul o dos ex-alunos com a instituição/parceri a-REMS	Integração esporte- desenvolviment o-psi	Integração esporte- desenvolvim ento- psi/esporte como direito constitucion al/como linguagem/d ificuldade- mensuração do desenvolvim ento	Integração esporte- desenvolviment o-psi não se dá de forma espontânea, intencionalidad e/dificuldade- trabalho em rede	Integração esporte- desenvolvime nto-psi-ver o crescimento/p arceria/relaçã o com outros projeto	Integração esporte- desenvolvime nto psi - possível, porém precisa lidar com as dificuldades- relações humanas- financeiras- mensuráveis- estruturais do sistema social